

ORÍGENES DE ALEXANDRIA



TRATADO SOBRE OS PRINCÍPIOS

3º LIVRO

FONTE DO TEXTO

academia.edu

Imagem da Capa

Maltar

Texto extraído do Vol. 30, «ORÍGENES - Tratado sobre os Princípios», da colecção "Patrística", editada por "PAULOS"

3º LIVRO

1. Sobre o livre-arbítrio

1 Parece-nos que é desse modo que se deve pensar acerca das promessas divinas quando projetamos a nossa inteligência para a contemplação do século eterno e sem fim e que contemplamos a sua alegria e felicidade inefáveis.

A pregação eclesiástica contém a doutrina do justo juízo de Deus, doutrina que, quando se crê que é verdadeira, exorta os ouvintes a viver bem e a fugir de todos os modos do pecado; mas como, quando aqueles que a ouvem evidentemente concordam em dizer que o que é digno de louvor ou de reprovação depende de nós, permiti que me alongue um pouco, em separado, sobre o livre-arbítrio, problema que se encontra entre os mais relevantes.

A fim de compreender o que é o livre-arbítrio, é preciso explicar esta noção, de tal modo que o objeto desta pesquisa seja exposto com exatidão quando ela ficar clara.

2 Entre os seres que se movem há uns que são a própria causa do seu movimento, e há outros que só se movem por algo externo. Movem-se apenas a partir de fora aqueles objetos que podemos transportar, como as madeiras, as pedras e todos os materiais que se mantêm pela sua coesão. Por agora, não chamemos de movimento ao fluxo dos corpos, porque não temos necessidade disso para o nosso assunto. Têm em si mesmos a causa do seu movimento os animais, as plantas e, em resumo, tudo o que subsiste devido à sua natureza e tem alma. Dizem que também os veios metálicos e, além disso, o fogo têm seu próprio movimento, e talvez até as fontes de água.

Entre os que têm em si mesmos a causa do seu movimento, diz-se que uns são movidos a partir de si mesmos, e os outros por si mesmos: a partir de si mesmos são os seres inanimados, e por si mesmos os que têm alma. Os seres que têm alma são movidos por si mesmos porque se produz neles

uma representação que provoca o impulso. Mais ainda, em certos animais as representações que se formam provocam o impulso, e a natureza imaginativa aciona o impulso de modo ordenado; assim, na aranha, a representação de tecer produz-se e dela se segue o impulso para tecer, provocado, de modo ordenado, pela natureza imaginativa, pois o animal nada recebeu a não ser essa natureza imaginativa. A mesma coisa se produz na abelha para fabricar a cera.

3 Mas o animal racional, além da natureza imaginativa, possui a razão que julga as representações, recusa umas e aceita outras, para que o ser vivo se conduza de acordo com elas. É por isso, porque a razão possui na sua natureza os meios de ver o bem e o mal, que nós utilizamos para ver o bem e o mal e assim escolher o bem e recusar o mal, que somos dignos de louvor se praticamos o bem, e dignos de reprovação, no caso contrário. Não esqueçamos, porém, que, em certos animais, se encontra uma natureza ordenada a atividades superiores às dos outros animais; e nestes parece que o sentido deles se aproxima do racional, como nos cães farejadores e nos cavalos de guerra. Mas um estímulo que vem de fora e que provoque tal ou qual representação, segundo todos atestam, não depende de nós. Quanto a julgar se se deve servir desta ou daquela maneira daquilo que foi produzido, isso é obra somente da razão que está em nós e que, a partir dessas ocasiões, fortifica em nós os impulsos que nos arrastam para o bem e o conveniente, ou, ao contrário, nos afastam dele.

4 Se alguém pretender que o estímulo exterior é tal que é impossível enfrentá-lo, quando ele se produz desse modo, ele que reflita nas suas próprias paixões e nos seus movimentos para ver se não se produz aí um consentimento, um assentimento, uma inclinação da inteligência para tal atitude por causa da força dos argumentos. Para aquele que decidiu, por exemplo, conservar a continência e abster-se de união sexual, não será a aparição de uma mulher, provocando o agir contra a sua intenção, que será a causa decisiva do abandono das suas decisões; de fato, ele pratica a libertinagem porque consentiu completamente na excitação e na doçura do prazer, não querendo lhe resistir nem ratificar a sua resolução. Mas aquele que está mais preparado e exercitado procede de modo diferente: quando sobrevêm essas excitações e provocações, a razão, fortificada e formada no exercício e na meditação, tendo chegado pela instrução à firmeza na sua

caminhada pelo bem, ou pelo menos próxima de lá chegar, afasta as excitações e enfraquece os desejos.

5 Mas, quando isso se produz, se acusamos os estímulos exteriores e nos sentimos absolvidos de qualquer acusação, afirmando que somos como a madeira e as pedras, que são movidas por forças do exterior, isso não é nem verdadeiro nem honesto; quem assim faz tem a seguinte razão: falsificar a noção de livre-arbítrio. Se lhe perguntássemos o que é o livre-arbítrio, responderia: quando nada do exterior me empurra na direção oposta àquela que decidi.

Do mesmo modo é contrário à evidência acusar somente a nossa constituição natural porque o ensino e a educação se encarregam dos destemperados e dos mais selvagens e os transformam, desde que obedecem às suas exortações; é tal o efeito da exortação e da conversão que muitas vezes os mais incontinentes se tornam melhores do que aqueles que antes não pareciam incontinentes por natureza e que os mais selvagens chegam a tal ponto de mansidão, que aqueles que nunca se mostravam assim tão selvagens parece que o são, quando os comparamos a um daqueles que se converteram à suavidade. Vemos ainda outros, muito serenos e respeitáveis, que se extraviam e decaem desse equilíbrio e dessa respeitabilidade para se converterem à desordem; muitas vezes, é na idade madura que eles começam a viver na intemperança e se atiram no desregramento, quando já passou o tempo da juventude, que, por natureza, é mais instável. A razão mostra que os acontecimentos do exterior não dependem de nós, mas que compete a nós nos servir deles desta ou daquela maneira, tomando a razão para analisar e examinar como convém proceder em face de cada acontecimento externo.

6 A nossa obra é viver bem, e é o que Deus requer de nós, não como obra sua nem de nenhum outro, ou do destino, como alguns pensam, mas como obra nossa; é o que testemunha o profeta Miqueias nestes termos: “Se a ti, homem, foi anunciado o que é o bem, ou o que Deus te pede, não é nada senão exercitar o juízo, amar a misericórdia e estar pronto para seguir o Senhor teu Deus” (Mq 6,8). E assim Moisés: “Diante de ti, pus o caminho da vida e o caminho da morte: escolhe o bem e caminha nessa via” (Dt 30,19), ou ainda Isaías: “Se o quereis e se me escutais, comereis os bens da

terra; mas, se não o quereis e não me escutais, uma espada vai vos devorar, pois assim falou a boca do Senhor” (Is 1,19-20). E nos Salmos: “Se o meu povo me escutasse e se Israel tivesse andado nos meus caminhos, eu teria reduzido a nada os seus inimigos” (Sl 80,14-15). Isso supõe que escutar e andar nos caminhos do Senhor está ao alcance do povo. E também o Salvador, quando diz: “Eu vos digo que não argumenteis contra o mentiroso” (Mt 5,39) e “aquele que se irrita contra seu irmão será julgado e condenado” (Mt 5,22); e “se alguém olha para uma mulher com desejo, já cometeu adultério no seu coração” (Mt 5,28). E por todos os outros mandamentos que ele dá, afirma que está em nosso poder cumprir os preceitos e que seremos justamente condenados se transgredirmos. É por isso, diz, que “aquele que ouve as minhas palavras e as observa será comparado a um homem sensato que construiu a sua casa sobre a pedra (...). Aquele que escuta, mas não cumpre, é semelhante a um louco que construiu a sua casa na areia (...)” (Mt 7,24-26). Quando diz aos que estão sentados à sua direita: “vinde a mim, benditos de meu Pai (...) porque eu tive fome e me destes de comer, tive sede e me destes de beber” (Mt 25,34-35), ele lhes dá claramente estas promessas como se eles fossem a causa desses louvores, e, ao contrário, os outros são reprovados pela sua falta, quando diz: “Ide, malditos, para o fogo eterno” (Mt 25,41).

Vejamos de que modo Paulo também nos fala como aos que têm o livre-arbítrio que é causa de condenação ou de salvação: “Desprezas a riqueza da sua bondade, da sua paciência e da sua longanimidade, ignorando que essa bondade de Deus te conduz ao arrependimento? Em função da dureza da impenitência do teu coração, acumulas para ti a cólera no dia da cólera da revelação e do julgamento, junto de Deus, que retribuirá a cada um segundo as suas obras; será dada a vida eterna àqueles que, pela perseverança em cumprir o bem, procuram a glória, a honra e a incorrupção; porém, cólera e fogo aos que teimam em obedecer não à verdade, mas à injustiça. Tribulação e angústia para toda pessoa humana que faz o mal, primeiro o judeu, depois o grego; glória, honra e paz a todos os que fazem o bem, primeiro ao judeu, depois ao grego” (Rm 2,4-10). Encontram-se nas Escrituras inumeráveis afirmações muito claras sobre o livre-arbítrio.

7 Algumas passagens do Antigo e do Novo Testamento parece que vão no sentido contrário, isto é, como se ser salvos ou condenados não

dependesse de nós, nem de observarmos os mandamentos ou infringi-los; vamos, por isso, expor essas passagens uma por uma e apresentar as soluções para que, partindo dos casos expostos, cada um possa escolher os textos que lhe parecem contradizer o livre-arbítrio e examinar a sua solução. Muitos se impressionam pelo que respeita ao faraó, sobre quem Deus anuncia várias vezes: “Eu vou endurecer o coração do faraó” (Ex 4,21). Se ele foi endurecido por Deus e se peca por causa desse endurecimento, a causa do pecado não está nele, e se for assim o faraó não tem livre-arbítrio. Dirá alguém que, da mesma maneira, aqueles que se perderam não têm livre-arbítrio, e que não é por sua causa que eles se condenam. E o que se diz em Ezequiel – “Tirarei deles o coração de pedra e lhes darei um coração de carne, a fim de que caminhem nos meus mandamentos, e que cumpram as minhas prescrições” (Ez 11,19-20) – levará talvez alguns a pensar que é Deus que concede que se caminhe nos mandamentos e cumpra as prescrições, retirando os obstáculos, que é o coração de pedra, para colocar no seu lugar o coração de carne, que é melhor.

Examinemos também a passagem evangélica em que o Salvador responde aos que lhe perguntam por que é que ele fala à multidão em parábolas: “para que, diz ele, vendo não vejam, e ouvindo não ouçam nem compreendam, não seja caso que se convertam e que sejam perdoados” (Mt 13,10; Mc 4,12-13). Também se encontra em Paulo: “Não é obra do que quer nem do que corre, mas de Deus misericordioso” (Rm 9,16). E ainda: “O querer e o agir vêm de Deus” (Fl 2,13). Mais ainda: “Ele tem, pois, piedade de quem ele quer, e endurece quem ele quer. Tu me dirás então: de que te queixas? Quem resiste à sua vontade? Quem és tu, homem, para responder a Deus? O que foi feito dirá àquele que o fez: porque me fizeste assim? Será que o oleiro que trabalha o barro não tem o poder de fazer um vaso para uso nobre, e outro para uso desprezível, a partir da mesma massa?” (Rm 9,18-21). Por si mesmos, esses textos podem perturbar a multidão e fazer crer que o homem não tem livre-arbítrio, mas que Deus salva ou perde quem ele quer.

8 Vamos começar pelo que se diz a respeito do faraó e de Deus que o endurece para impedi-lo de deixar partir o povo; examinaremos ao mesmo tempo esta palavra do Apóstolo: “Terá piedade de quem ele quer e

endurecerá quem ele quer” (Rm 9,18). Examinemos o que dizem alguns heterodoxos. Eles se servem desses textos para quase suprimir o livre-arbítrio, argumentando que há naturezas perdidas, incapazes de salvação, e outras que estão salvas e são incapazes de se perder; dizem eles que o faraó era de uma natureza perdida, e endureceu por causa disso, porque Deus tem piedade dos espirituais e endurece os terrestres. Perguntamos se o faraó era de natureza terrestre; quando responderem, lhes diremos que aquele que tem uma natureza terrestre desobedece totalmente a Deus. Se desobedece, que necessidade existe de endurecer o seu coração, e isso não apenas uma, mas várias vezes? Mas, se lhe era possível ser persuadido, teria sido de fato persuadido, como se não fosse terrestre, porque fora convencido pelos prodígios e sinais; porém, Deus precisava da repetição da desobediência dele para manifestar suas maravilhas em vista da salvação de muitos; por essa razão, Deus endureceu o coração dele.

Esta é a primeira resposta a dar-lhes para refutar o que eles supõem: que a natureza do faraó era perdida. É preciso dizer-lhes a mesma coisa a respeito das palavras do Apóstolo. O que é que Deus endurece? Os perdidos? Mas o que lhes aconteceria se não tivessem sido endurecidos? Ou eles serão certamente salvos como se não tivessem uma natureza perdida? De quem é que Deus tem piedade? Não é daqueles que serão salvos? E que necessidade teriam eles de uma segunda misericórdia, se tivessem sido criados desde o princípio como devendo ser salvos, e devendo, pela sua natureza, estar na completa bem-aventurança? Se não for assim, se receberem a perdição caso não forem objeto da misericórdia, Deus terá piedade deles para que não recebam o que os espera – a perdição – e cheguem ao lugar dos que são salvos. É isso que podemos lhes responder.

9 Pode-se objetar àqueles que pensam ter compreendido a palavra “endureceu” o que segue: que é que Deus fez para lhes endurecer o coração e com que objetivo procedeu assim? Examinem, pois, a noção de Deus que, segundo a sã doutrina, é justo e bom, mas, se não a aceitam, conceda-se-lhes, por enquanto, que ele é somente justo. Eles que nos mostrem como é que aquele que é justo e bom, ou somente justo, pode parecer que agiu com justiça ao endurecer o coração daquele que morrerá porque endureceu, e como é que aquele que é justo pode ser causa de perdição e desobediência ao castigar aqueles que endureceu e constrangeu à desobediência. Por que é

que ele critica o faraó nestes termos: “Tu, que não queres deixar partir o meu povo, eis que eu vou ferir todos os primogênitos do Egito e o teu primogênito” (Ex 4,23; 9,17ss; 12,29) e tudo o mais que, segundo a Escritura, Deus disse ao faraó por intermédio de Moisés? É preciso que aquele que acredita que as Escrituras são verdadeiras e que Deus é justo, lute, se é sábio, para mostrar como compreender claramente que Deus é justo ao proferir tais palavras. Porque, se alguém se colocar como acusador e, de cabeça erguida, afirmar que o Criador é mau, teremos de lhe responder com outras razões.

10 . Mas como eles dizem que o consideram justo e para nós ele é justo e bom ao mesmo tempo, examinemos como é que aquele que é justo e bom endurecia o coração do faraó. Vejamos se, a partir de um exemplo que o Apóstolo utilizou na Carta aos Hebreus, podemos mostrar como é que, numa mesma ação, Deus tem misericórdia de um e endurece o outro, não com o propósito de endurecê-lo, mas com a boa intenção que tem por efeito endurecer por causa do substrato de malícia que constitui o mal que está neles e é por isso que se diz que ele endurece o que está endurecido.

Diz ele que “a terra que bebeu a chuva que caiu sobre ela e produz uma erva útil àqueles para os quais foi cultivada recebe a bênção de Deus; se ela produz espinhos e cardos, é rejeitada e está próxima da maldição, destinada a ser queimada” (Hb 6,7-8). Há, pois, uma única ação, a da chuva; a partir dessa única ação, que é a da chuva, a terra cultivada produz frutos, e a que não é cuidada e é estéril produz espinhos. Podia parecer uma calúnia colocar na boca daquele que faz chover as seguintes palavras: fui eu quem produziu os frutos e os espinhos que estão na terra. Mas, se é injurioso, contudo, é verdadeiro, pois, se não houvesse chuva, não teria havido frutos nem espinhos; porém, se ela cai no tempo desejado, e com medida, uns e outros serão produzidos. Com efeito, quando ela produz espinhos e cardos, a terra que bebeu a chuva que caiu sobre ela é desprezada e fica próxima da maldição. O benefício da chuva caiu, portanto, na terra pior, e como o solo estava descuidado e inculto, produziu espinhos e cardos. Assim, portanto, os prodígios realizados por Deus são como a chuva, as diversas vontades são como a terra cultivada e a negligenciada, sendo pela sua natureza única como uma só terra.

11 É como se o sol tomasse a palavra e dissesse: eu torno líquido, e eu seco – quando liquefazer e secar são estados contrários; contudo, ele não mentiria por causa da base comum, pois o mesmo calor que torna líquida a cera é o que seca a lama. Assim a mesma ação que se produziu por meio de Moisés revelou o endurecimento do faraó por causa da sua maldade, e a docilidade dos egípcios que se tinham misturado com os hebreus e partiam de viagem com eles. E o que está escrito: que pouco a pouco o coração do faraó se suavizou a ponto de dizer: “Não ireis longe, caminhareis três dias e deixareis vossas mulheres” (Ex 8,27-28) e todas as outras palavras que ele disse, entregando-se, pouco a pouco, aos prodígios, mostram que os milagres agiam sobre ele, mas sem o levar a decidir tudo. Isso não teria acontecido se a frase “endurecerei o coração do faraó” tivesse sido cumprida por Deus, no sentido que entende a maioria.

Não é despropositado explicar tais palavras a partir do uso comum da linguagem. Muitas vezes, os bons patrões dizem aos criados, mal-acostumados pela sua bondade e paciência: “Fui eu que te tornei mau”; e: “Sou eu a causa dos teus erros”. É preciso compreender o modo habitual e a força do que se diz, e não caluniar, por meio de uma interpretação errada, o que quer dizer essa palavra. Realmente, Paulo, que examinou essas coisas claramente, diz ao pecador: “Tu desprezas a riqueza da sua bondade, da sua paciência e da sua longanimidade, ignorando que a bondade de Deus te conduz à penitência? Conforme a dureza e a impenitência do teu coração, acumulas para ti mesmo a cólera no dia da cólera e da revelação, e do justo juízo de Deus” (Rm 2,4-5). O que o Apóstolo diz ao pecador, que seja dito ao faraó: pode-se pensar que se refere a ele de uma maneira perfeitamente adaptada, pois, segundo a dureza e a impenitência do seu coração, ele acumula para si mesmo a cólera. Tal dureza não seria assim revelada nem seria tão manifesta se os milagres não tivessem sido realizados, ou mesmo, no caso de terem sido realizados, se não tivessem sido tão numerosos e tão grandes.

12 Mas, como tais explicações parecem difíceis de aceitar, e um tanto forçadas, vejamos, a partir das palavras proféticas, o que dizem aqueles que experimentaram a grande bondade de Deus, tendo decerto levado uma vida bela, mas depois pecaram: “Por que nos transviastes, Senhor, para longe do teu caminho? Por que endureceste o nosso coração para o impedir de temer

o teu nome? Volta-te para nós por causa dos teus servos, por causa das tribos que são a tua herança, a fim de que herdemos um pouco da tua santa montanha” (Is 63,17). E em Jeremias: “Tu me enganaste, Senhor, e eu fui enganado; tu prevaleceste, e ganhaste” (Jr 20,7). Mas estas palavras: “porque endureceste o nosso coração para o impedir de temer o teu nome?”, ditas por aqueles que imploram piedade, significam, se as entendemos no sentido moral: por que nos poupastes a esse ponto, sem nos repreender pelos nossos pecados, mas nos abandonando até que nossos pecados se acumulassem? Portanto, Deus deixa a maior parte sem castigo, a fim de que os modos de cada um sejam examinados a partir do seu livre-arbítrio, e que os melhores se revelem nas provas a que forem submetidos. Os outros que não se esconderam à vista de Deus – pois ele “tudo sabe antes que aconteça” (Dn 13,42) –, como seres racionais, encontrarão mais tarde o caminho da cura, pois não teriam tido consciência do benefício divino se não se tivessem condenado a si mesmos, o que lhes é de proveito para que tomem consciência do que cada um é, e da graça que vem de Deus. Aquele que não tomou consciência da sua própria fraqueza e da graça divina, se vamos em seu socorro antes que ele faça a experiência de si mesmo e que ele se condene a si mesmo, pensará que o socorro que lhe vem da graça celeste é obra sua. O que, gerando presunção e orgulho, será causa da sua queda; em nosso entender, é o que acontece ao diabo que se atribuiu a si mesmo o que tinha quando era irrepreensível: “Aquele que se eleva será rebaixado, e o que se abaixa será elevado” (Lc 14,11). Repare-se que, por causa disso, “as realidades divinas se esconderam aos sábios e aos inteligentes, a fim de que, diz o Apóstolo, nenhuma carne se orgulhe diante de Deus. E elas são reveladas aos pequenos” (Lc 10,21; 1Cor 1,29), aqueles que, desde a primeira infância, alcançaram as realidades superiores e que se lembram que não é tanto pelos seus esforços quanto por um benefício inefável de Deus que atingiram tal nível de bem-aventurança.

13 Aquele que é abandonado, o é, pois, em razão de um julgamento divino, e não é sem razão que Deus tem paciência com certos pecadores, porque será para eles um benefício, considerando a imortalidade da alma e a eternidade sem fim, não receber imediatamente o auxílio para sua salvação, mas de lá serem conduzidos mais lentamente depois de terem sofrido muitos males. Por vezes, os médicos, quando suspeitam de que há um veneno oculto no corpo, adiam a sua cura, em vez de curarem rapidamente;

fazem assim porque querem curar com mais segurança, e pensam que é melhor manter por mais tempo o paciente com inflamações e dores para que ele possa recuperar a saúde de modo mais sólido, em vez de lhe dar rapidamente forças aparentes, expondo-o desse modo a recaídas posteriores e a melhoras apressadas e passageiras. Desse modo age Deus, que conhece os segredos dos corações e que sabe o que vai acontecer: permite, talvez pela sua paciência, e também pelos acontecimentos externos, fazer sair o mal escondido, para purificar o que tem em si, por causa da sua negligência, as sementes do pecado; mantendo o pecador nos males por mais tempo, faz com que essas sementes venham à tona, ele as vomita, e, tendo sido purificado da sua maldade, pode então alcançar a regeneração. Pois Deus governa as almas não só na perspectiva dos cinquenta anos, por assim dizer, da vida terrena, mas também na da perpetuidade sem fim, porque ele tornou incorruptível a natureza inteligente, que é semelhante a ele, e a alma racional não se afasta dos seus cuidados, como nesta vida.

14 Vamos usar uma imagem tirada do Evangelho. Trata-se de uma pedra coberta com uma camada superficial de terra: a semente que nela cai brota rapidamente, mas, como não tem raiz, o sol, quando se levanta, a queima e resseca. Essa pedra é a alma humana, endurecida pela negligência e petrificada pela maldade. Ninguém recebe de Deus um coração de pedra, mas ele se torna assim pela maldade. Por exemplo: se alguém criticasse um lavrador por não atirar logo os grãos sobre a terra, ao ver que outra terra pedregosa já recebeu as sementes e que elas brotaram, ele responderia: mais tarde, vou semear essa terra, depois de ter lá colocado algo que segure o grão, pois para ela é preferível que eu faça isso mais tarde e com mais segurança, como o mostra o caso daquela que recebeu a semente muito cedo e ficou na superfície. Ficaríamos convencidos de que o lavrador falou de modo razoável e agiu com competência. Assim também o grande cultivador de toda a natureza adia o que é prematuro, para que não se torne superficial. Suponhamos, porém, que um de nós faz esta objeção: por que então uma parte das sementes cai nesta alma que é comparada à terra coberta com pouca terra? É preciso responder que é preferível para ela, porque ela deseja com ânsia demais as realidades superiores e não se preocupa de andar na via que leva a elas, e de obter o que deseja; assim, tendo dessa forma reconhecido a sua falta, esperará com paciência para

receber mais tarde do lavrador, com muito tempo, os cuidados conforme à sua natureza.

Dir-se-á que as almas são inumeráveis, inumeráveis seus modos de ser e em grande número os seus movimentos, propósitos, projetos e impulsos; mas só um os governa de modo excelente, aquele que conhece os momentos, os auxílios adequados, os comportamentos e caminhos, o Deus e Pai do universo, aquele que sabe como conduzir o faraó através de tantos acontecimentos e mesmo quando ele é engolido pelo mar, porque isso não põe fim ao que Deus tem a fazer com o faraó: submergiu, mas nem por isso foi destruído, “pois na mão de Deus estamos nós mesmos, com nossas palavras, toda a nossa prudência e os conhecimentos que colocamos em nossas obras” (Sb 7,16). Escrevemos essas coisas conforme pudemos para justificar estes textos: “O coração do faraó foi endurecido” (Ex 10,20) e “Teve piedade de quem ele quis e endureceu a quem ele quis” (Rm 9,18).

15 Vejamos agora este texto de Ezequiel: “Retirarei seus corações de pedra e lhes darei corações de carne para que caminhem nos meus mandamentos e que observem minhas ordens” (Ez 11,19). Se é Deus quem, quando quer, retira os corações de pedra, e no seu lugar põe os corações de carne para nos permitir cumprir as suas ordens e respeitar os seus mandamentos, não é em nós que está o poder de afastar a maldade. Dizer, com efeito, que os corações de pedra são retirados não significa senão que a malícia que endurece alguém é retirada quando Deus quer. E dizer que é colocado um coração de carne para que se caminhe segundo as ordens de Deus e que se guardem os seus mandamentos será outra coisa senão tornar-se dócil, e não resistente à verdade, e praticar as virtudes? Se é Deus que promete fazê-lo, se, antes que ele retire os corações de pedra, nós não podemos pô-los de lado, é evidente que não está em nós o afastar a maldade; e se não somos nós que agimos para colocar em nós um coração de carne, mas se é obra de Deus, não depende de nós viver virtuosamente, mas será inteiramente uma graça de Deus.

É isso que diz aquele que suprime o que está ao nosso alcance, apoiando-se no sentido literal. Mas nós responderemos que é preciso entendê-lo da seguinte forma: quando alguém, ignorante e mal instruído, mas consciente dos males que sofre, seja em decorrência das exortações de

um mestre, seja de outra forma por si mesmo, se entrega àquele que pode, a seu juízo, conduzi-lo à educação e à virtude, e que esse mestre lhe promete retirar a sua ignorância e lhe dar instrução, ele não quer dizer com isso que aquele que se confia aos seus cuidados não tem nada a fazer para ser instruído e se afastar da falta de educação a não ser apresentar-se para ser cuidado; o mestre promete apenas melhorar aquele que o deseja. É dessa maneira que a Palavra divina promete àqueles que dela se aproximam tirar-lhes a maldade – que ela chama coração de pedra –, não quando eles resistem, mas quando se entregam ao médico dos doentes. De modo semelhante, encontram-se nos Evangelhos doentes que vão ao Salvador, pedindo para receber a cura, e que são tratados. Recobrar a vista, por exemplo, se se considera o pedido, feito com fé, de poder ser curado, é obra dos doentes, mas, se se considera o restabelecimento da visão, é obra de nosso Salvador. É assim que a Palavra de Deus promete dar o conhecimento àqueles que se aproximam dela, retirando o coração de pedra e endurecido, isto é, a maldade, a fim de que se possa caminhar nos preceitos divinos e cumprir os mandamentos divinos.

16 No Evangelho, havia depois o que o Senhor explicava por que ele falava em parábolas aos de fora “para que, vendo, não vejam e, ouvindo, não compreendam, não seja caso que se convertam e sejam perdoados” (Mt 13,10-13; Mc 4,12). E o opositor dirá: pois que, de todos os modos, se, ao ouvir o ensinamento mais claro, estes se convertem, e de tal maneira se convertem que se tornam dignos de receber a remissão dos pecados, mas, se não está no poder deles ouvir as palavras mais claras, mas depende daquele que ensina (e é por isso que o mestre não lhes anuncia mais claramente, não seja caso que eles o compreendam), então não está ao alcance deles o serem salvos. Se é assim, não temos livre-arbítrio para a salvação ou a condenação. Poderíamos justificar essa passagem de um modo convincente se não se tivesse acrescentado: “Não seja caso que eles se convertam e que sejam perdoados” – nesse caso, o Senhor não queria que aqueles que não deviam ser homens decentes e bons pudessem compreender as realidades mais místicas, e que era por isso que lhes falava em parábolas. Mas o que lá está é: “não seja caso que eles se convertam e sejam perdoados” – e a sua defesa fica mais difícil.

Primeiro, é preciso chamar a atenção dos heterodoxos para essa passagem, porque eles ficam procurando no Antigo Testamento palavras como essas para mostrar – a tanto eles se atrevem – a crueldade do Criador, sua vontade de se vingar e de retribuir o mal com o mal, seja qual for o nome que eles dão a tal comportamento, apenas para dizer que não há bondade naquele que cria. Mas eles não examinam o Novo Testamento da mesma maneira e honestamente, pois não anotam as passagens semelhantes àquelas que eles julgam repreensíveis no Antigo Testamento. É evidente que, tal como eles dizem a propósito do texto citado antes, o Salvador não se exprime com clareza para que não aconteça que os homens se convertam e mereçam então receber a remissão dos pecados; em si mesma essa afirmação não é menos grave do que aquelas que eles apontam no Antigo Testamento. Se eles procuram justificar o que está no Evangelho, é preciso dizer-lhes que, ao considerá-lo como não repreensível, eles se comportam de maneira diversa perante problemas semelhantes: no que se refere ao Novo Testamento, eles não se escandalizam, mas procuram uma justificação; no que se refere às afirmações análogas encontradas no Antigo Testamento, seria então preciso justificá-las como as do Novo, mas eles as criticam, enquanto nós demonstramos, em vista dessas semelhanças, a necessidade de pensar que todas as Escrituras são obra de um só Deus. Mas vamos tentar justificar, tanto quanto possível, o texto proposto.

17 Dizíamos, no caso do faraó, que, às vezes, para os que caíram em dificuldades por sua iniciativa, e estão em via de se curar, não é bom sair rapidamente do tratamento, e se curar depressa, pois ficam afastados daquilo pelo qual caíram, e então não dão importância ao mal, considerando-o fácil de curar, e, se por não cuidarem de o evitar, voltarem a cair nele, nele permanecerão. É por isso que, em casos semelhantes, o Deus eterno, que conhece o que está oculto, ele “que tudo conhece antes que aconteça” (Dn 13,42), na sua bondade, adia a vinda do auxílio, que, de outro modo, seria rápido demais e, por assim dizer, socorre-os não os socorrendo, porque isso é o que lhes será benéfico. É provável que o Salvador, conhecendo no interior aqueles de fora, via que, mesmo entendendo claramente o que era dito, não seriam firmes na sua conversão; por isso o Senhor fez com que eles não entendessem distintamente as palavras mais profundas, não fosse o caso que, ao obter o perdão, curados e convertidos depressa demais, desprezassem como leves e fáceis de curar as

feridas da maldade, e nelas recaíssem em seguida. Talvez, sofrendo então o castigo dos pecados anteriores contra a virtude que abandonaram, não tenham alcançado ainda o tempo conveniente em que, depois de terem sido privados da vigilância divina, e saciados pelos males que eles mesmos cometeram, mais tarde serão chamados a uma penitência mais sólida, e não voltarão a cair tão depressa nos males em que tinham caído antes, quando ultrajavam a dignidade do bem e se entregavam às coisas piores. Aqueles que estão fora, por comparação com os de dentro, não se encontrando totalmente afastados dos de dentro, enquanto estes entendem claramente, entendem de modo obscuro por que lhes falam em parábolas; mesmo assim entendem. Outros que não os de fora, aqueles que são chamados “os de Tiro”, mesmo que se tenha previsto que eles “já tivessem feito penitência sentados no saco e na cinza” (Mt 11,21), se o Salvador se tivesse aproximado mais deles, não entenderiam nem o que os de fora entendem, como seria de esperar, porque estão longe da dignidade dos de fora; mas em outra oportunidade, depois que seu destino se torne mais suportável do que o daqueles que não acolheram a Palavra – a propósito deles é que se menciona “os de Tiro” – tendo escutado num momento mais adequado, farão uma penitência mais consistente.

Vê se, além do nosso trabalho de busca, não lutamos também para nos conservar piedosos diante de Deus e do seu Cristo, procurando explicar completamente, em matérias tão importantes, a providência variada de Deus, quando se encarrega da alma imortal. A respeito daqueles que são repreendidos, pode-se perguntar se eles não tiraram proveito à vista dos milagres e da audição das palavras divinas; os de Tiro teriam feito penitência se tais coisas lhes fossem feitas e ditas; portanto, alguém pode se perguntar por que então o Senhor lhes pregou, se foi para a desgraça deles, colocando à conta deles uma falta maior ainda? Respondemos que Deus, conhecendo as disposições de todos os que acusam a sua providência, e que não creem nela porque não lhes foi dado ver a visão que concedeu a outros, e porque ela não se dispõe a lhes fazer entender o que outros entenderam para seu bem, quis convencê-los de que a resposta deles não era convincente, e lhes deu o que eles queriam, ao reprovar sua maneira de governar. Mas, depois de terem recebido a reprovação, nem por isso ficaram menos contumazes na extrema impiedade, porque mesmo assim eles não se entregaram ao que poderia lhes ser benéfico. Não deixam de

lado a sua ousadia, mas, alertados por esse fato, aprenderão que, por vezes, no interesse de alguns, Deus tarda e adia, não concedendo que vejam nem ouçam o que a visão e a audição manifestariam ainda mais: a gravidade e o peso do pecado daqueles que não acreditaram depois de revelações tão grandes.

18 Vejamos agora a que se refere a frase: “Não é, pois, daquele que quer, nem daquele que corre, mas de Deus misericordioso” (Rm 9,16). Os adversários dizem: se não é obra daquele que quer, nem daquele que corre, mas de Deus, que faz misericórdia, a salvação não vem de nossa vontade, mas da nossa natureza, obra daquele que assim nos criou, ou daquele que tem misericórdia quando quer. Nós lhes perguntaremos: Querer o bem é bom ou mau? E correr para atingir o fim quando alguém se apressa em direção ao bem é louvável ou repreensível? Se disserem que é repreensível, responderão contrariamente à evidência, porque os santos querem, e correm, e é evidente que, ao fazê-lo, não fazem nada de repreensível. Se eles disserem que é bom querer o bem e correr para o bem, nós perguntaremos como é que a natureza perdida pode querer o bem. Pois é como uma árvore má que carrega bons frutos, visto que querer o bem é bom. Dirão, em terceiro lugar, que querer o bem e correr para o bem está entre os indiferentes e que não é nem louvável, nem ruim. A isso é preciso responder que, se querer o bem e correr para o bem é indiferente, seus contrários são também indiferentes, a saber: desejar o que é mau e correr para o que é mau. Mas desejar o mal e correr para o mal não são coisas indiferentes, portanto, desejar o bem e correr para o bem não são indiferentes.

19 ^[1] À frase: “Não é, pois, a obra daquele que quer nem daquele que corre, mas a de Deus, que faz misericórdia” (Rm 9,16), penso que podemos dar a justificativa seguinte. Diz Salomão no livro dos salmos – é dele o cântico “elevações” do qual apresentamos estas palavras – “Se o Senhor não constrói a casa, em vão trabalham os que a constroem, se o Senhor não guarda a cidade, em vão a vigiou o guarda” (Sl 126,1). Ele não nos dissuade de construir, e não nos ensina aqui a não vigiar para guardar a cidade que está em nossa alma, mas ensina que o que é construído sem Deus e o que não está sob sua guarda é construído em vão e guardado sem resultado, pois é com razão que Deus é descrito como o mestre da construção, e o Senhor

do universo como o que comanda os que guardam a cidade. É como se disséssemos: essa construção não é obra do construtor, mas de Deus; ou: se essa cidade não sofreu nada dos seus inimigos, não se deve atribuir o sucesso ao seu guarda, mas ao Deus do universo; contudo, teríamos razão se se subentendesse que o homem fez alguma coisa, mas que o sucesso deve ser referido com ações de graças a Deus, que tudo realizou. Da mesma maneira, como o querer humano não é suficiente para atingir o fim, nem o fato de correr como atletas para obter o troféu do convite celeste vindo de Deus em Jesus Cristo – com efeito, com a assistência divina é que isso se realiza –, com justiça está escrito: “Não é, pois, daquele que quer, nem daquele que corre, mas de Deus misericordioso”. Pode-se invocar como exemplo o que está escrito como se fosse um trabalho agrícola: “Fui eu que plantei, Apolo que regou, mas Deus é que fez crescer, de tal modo que nem o que planta nem o que regou não são nada, mas Deus que faz crescer” (1Cor 3,6). Em nosso entender, seria faltar ao respeito a Deus dizer que, se os frutos amadureceram, seria obra do cultivador ou daquele que rega, quando a obra é de Deus. De modo semelhante, no que se refere à nossa perfeição, não se pode dizer que não tenhamos feito nada, contudo, o acabamento não é nosso, mas Deus é que fez a maior parte. E para que se acredite com mais clareza naquilo que dizemos, tomemos o exemplo da arte do piloto. Por comparação à ação dos ventos que sopram, à serenidade do ar, ao brilho dos astros, tudo isso colaborando para a salvação dos navegantes, que importância tem a arte do piloto para retornar ao porto? Os próprios pilotos muitas vezes com prudência se atrevem a concordar que salvaram o navio, mas tudo atribuem a Deus: isso não quer dizer que nada tenham feito, mas que a parte da Providência é sem comparação muito maior do que a da habilidade. No que se refere à nossa salvação, a parte de Deus é incomparavelmente maior do que a nossa. Creio que é por isso que está dito: “Não é, pois, daquele que quer, nem daquele que corre, mas do Deus misericordioso” (Rm 9,16). Se se devesse compreender a frase: “Não é, pois, daquele que quer, nem daquele que corre, mas de Deus misericordioso”, como fazem os nossos opositores, os mandamentos seriam supérfluos e não haveria motivo para Paulo distribuir a reprovação aos que caíram, o louvor aos que se comportam bem, e legislar para as Igrejas: em vão nós nos aplicamos a querer os bens melhores, em vão corremos. Mas não, não é em vão que Paulo o aconselha, a uns censura e a outros aprova, não é em vão que nos dedicamos a querer os melhores bens e a nos esforçar

por alcançar os bens superiores. Os nossos contraditores é que não compreenderam do que se trata nessa passagem.

20 Em seguida vem: “O querer e o agir vêm de Deus” (Fl 2,13). Dizem alguns: se o querer vem de Deus, e o agir vem de Deus, mesmo que desejemos o mal, e se agimos mal, isso vem de Deus para nós, e, se é assim, não somos senhores de nós mesmos. De igual modo, quando queremos os melhores bens e quando agimos bem, não somos nós que executamos essas ações louváveis, mas como é de Deus que vem o querer e o agir, embora pareça que nós o fazíamos, foi Deus quem nos concedeu o fazê-lo: assim, até nisso não temos autonomia. A isso é preciso dizer que a palavra do Apóstolo não diz que o querer mal vem de Deus e que o querer bem vem de Deus, e também não diz para fazer o bem ou o mal, mas o querer em geral ou o agir em geral. Tal como é de Deus que temos a nossa natureza de seres vivos e de homens, assim também o querer em geral, como acabei de dizer, e o fato genérico de se mover. Porque somos vivos, temos a faculdade de nos mover, e, por exemplo, de agitar tais membros, mãos ou pés; não está aí uma razão para dizer que temos de Deus o caráter específico das nossas ações, por exemplo, de agitar um membro para bater, para matar ou para roubar os bens alheios; trata-se somente do seu caráter genérico de nos mover, que recebemos de Deus; nós é que utilizamos essa faculdade para o pior ou para o melhor. Assim, nós recebemos de Deus o agir como seres vivos, e do Criador o querer, mas somos nós que nos servimos do querer, e de modo semelhante do agir, para o melhor e para o pior.

21 Outra palavra apostólica parece que nos leva a acreditar que não possuímos livre escolha, quando se antecipa a responder a si mesmo: “Ele tem, pois, piedade de quem ele quer, e endurece quem ele quer. Dirás então: Por que reclama? Por que se opôs à sua vontade? Mas, ó homem, quem és tu para responder a Deus? Aquilo que é feito dirá àquele que o faz: Por que me fizeste assim? O oleiro que trabalha a argila não tem o poder de fazer, a partir da mesma massa, um vaso para uso respeitável, e um outro para uso menos digno?” (Rm 9,18-21). Dirão: tal como o oleiro a partir da mesma massa faz vasos para uso respeitável e outros para uso menos digno, se Deus destina uns à salvação e outros à perdição, não está em nosso poder ser salvos ou nos perder: não temos livre-arbítrio. Àquele que usa assim desse argumento, pergunta-se se ele pensa que o Apóstolo pode fazer

afirmações contra si mesmo: creio que ninguém terá o atrevimento de o dizer. Se, portanto, o Apóstolo não faz afirmações contraditórias, como é que – segundo aquele que assim o entende – ele acusa com razão o fornicador de Corinto, ou aqueles que caíram sem se arrepender pelas ações de incontinência e de intemperança que cometeram? Como abençoará pelas suas ações boas aqueles que louva, como a família de Onesíforo, quando diz: “Que o Senhor faça misericórdia à família de Onesíforo porque muitas vezes me reconfortou e não teve vergonha das minhas cadeias, mas, tendo ido a Roma, me procurou ativamente e me encontrou: que o Senhor lhe conceda que encontre misericórdia junto dele nesse dia” (2Tm 1,16-18). Não é próprio do Apóstolo repreender o pecador digno de censura, e aprovar como louvável aquele que agiu bem, e, por outro lado, dizer, como se não estivesse em nós, que o Criador é responsável por um vaso ter sido feito para uso respeitável e outro para uso vulgar. Como pode ser verdade dizer que: “Todos nós compareceremos diante do tribunal de Cristo para que cada um receba segundo o que tiver feito por meio do seu corpo, seja no bem ou no mal” (2Cor 5,10), se aqueles que agiram mal o fizeram porque foram criados como vasos destinados a um uso vulgar, e se aqueles que viveram virtuosamente fizeram o bem porque desde o início foram feitos com essa finalidade, como vasos destinados a um uso honrado? Há ainda outra contradição no fato de ser da responsabilidade do Criador um vaso respeitável ou um vaso vulgar; assim o compreendem nossos objetores nas palavras que citamos, e pelo que nos é dito noutra lugar: “Numa casa grande, não há somente vasos de ouro e prata, mas vasos de madeira e de barro, uns para uso respeitável, outros para uso desprezível. Se alguém se purifica a si mesmo, será um vaso respeitável, santificado, útil ao Senhor, pronto para toda boa obra” (2Tm 2,20-21). Porque, se aquele que se purifica se torna um vaso para uso respeitável, e se aquele que olhou com indiferença a sua própria impureza se torna um vaso de desonra, a julgar por essas palavras, o Criador não é de modo nenhum responsável. Pois o Criador faz os vasos de honra e de desonra desde o princípio segundo a sua presciência, mas não é por ela que antecipadamente condena nem justifica; mas ele faz vasos de honra com aqueles que se purificam a si mesmos, e vasos de desonra daqueles que com indiferença olharam a sua própria impureza. Assim, é em consequência de causas precedendo a sua formação como vaso digno e vaso indigno que eles foram feitos, uns para a dignidade e outros para a indignidade.

22 Portanto, se admitimos de uma vez que há certas causas que precedem o fato de ser vasos dignos ou vasos indignos, não é despropositado pensar, no que se refere à questão das almas, que certas causas precederam Jacó ser amado e Esaú ser odiado; no que diz respeito a Jacó antes que se fizesse corpo, e a respeito de Esaú quando ainda estava no seio de Rebeca.^[2]

Mostra-se também claramente que, no que se refere à natureza que serve de substrato, assim como o oleiro tem à sua disposição uma única espécie de argila, massa da qual vai tirar os vasos dignos e os indignos, Deus tem à sua disposição uma única natureza que é subjacente a todas as almas, e, por assim dizer, uma só massa que é a das substâncias racionais, e foram as causas antecedentes que destinaram umas à honra e outras à desonra. Se quisermos olhar como advertência a palavra do Apóstolo: “Mas então quem és tu, ó homem, para contestar a Deus?” (Rm 9,20), ela talvez nos ensine que aquele que vive na confiança de Deus, que é fiel e vive no bem, não ficaria sujeito a ouvir: “Quem és tu para contestar a Deus?”. Seria como Moisés: “Moisés falava e Deus lhe respondia na sua própria voz” (Ex 19,19). Pois assim como Deus responde a Moisés, assim o santo responde a Deus. Quem não adquiriu uma confiança como essa, ou porque a perdeu, ou porque discute essas coisas por gostar de discutir e não por desejo de aprender, e que diz assim: “Então por que é que ele repreende? E quem pode resistir à sua vontade?” (Rm 9,19), merece essa advertência: “Mas então, ó homem, quem és tu para contestar a Deus?” (Rm 9,20).

23 Àqueles que vêm com a doutrina das naturezas e que aduzem essa frase para demonstrar a sua opinião, é preciso dizer o seguinte: se eles mantêm a afirmação de que de uma só massa procedem os perdidos e os salvos, e que há um mesmo autor para os perdidos e os salvos, não há naturezas diferentes nas almas; e se é bom aquele que cria não só os espirituais, mas os terrestres, já que as duas vão juntas, então é o mesmo o Criador de todos; mas é certamente possível que aquele que, em decorrência das suas ações boas, era um vaso respeitável, mas que não continuou a agir desse modo, de uma maneira adequada à sua qualidade de vaso respeitável, seja em outra época um vaso de desonra; de modo semelhante, pode acontecer que aquele que, pelo que houve antes desta vida, se tornou aqui embaixo um vaso indigno, se corrija e venha a ser na

nova ordem um vaso digno, santificado e útil ao seu dono, preparado para toda obra boa. E talvez os israelitas de agora, porque não viveram de modo digno da sua origem nobre, não serão mais dessa estirpe, e, tendo sido vasos dignos, se tornaram indignos; e muitos daqueles que são agora egípcios ou idumeus, incorporando-se a Israel, entrarão na Igreja do Senhor por causa dos frutos nobres que irão produzir, e não serão mais contados como egípcios ou idumeus, mas serão israelitas. Desse modo, segundo as orientações da sua vontade, os seres racionais progredem do pior para o melhor, e outros caem do melhor no pior, e ainda outros ficam no bem, ou sobem do bem ao melhor, e chegam ao mais alto grau, e finalmente há outros que ficam no mal, ou, pelo aumento da sua maldade, se tornam de maus em piores.

Por isso,^[3] devemos julgar possível que alguns, depois de ter começado a cometer pequenos pecados, de tal modo neles alastrou a maldade e chegaram a tal progresso no mal que, pela medida da sua perversão, se tornam rivais dos poderes adversários; e, ao contrário, aqueles que passaram por toda espécie de possíveis correções, penosas e muito rigorosas, se algum dia puderam se arrepender, e se pouco a pouco procuraram um remédio para suas feridas, desfeita a maldade, puderam ser restabelecidos no bem. Portanto, pensamos que, como já dissemos muitas vezes, sendo a alma eterna e imortal, lhe é possível, através de muitos e infindáveis espaços de séculos imensos e diversos, ou descer do bem supremo até o mal mais inferior, ou então subir do último dos males até o bem supremo.

24 No texto já citado, o Apóstolo não menciona a ação de Deus no caso de se tornar vaso de honra ou de desonra, mas tudo nos atribui, quando diz: “Se alguém se purificar a si mesmo, será um vaso destinado ao que é digno, santificado e útil para o seu dono, preparado para toda boa obra” (2Tm 2,21). Uma vez, ele não menciona a nossa própria ação, mas tudo parece atribuir a Deus, quando diz: “O oleiro que trabalha o barro tem o poder de fazer, a partir da mesma massa, tal vaso para uso respeitável, e outro para uso desprezível” (Rm 9,21). Mas não há contradição entre as duas afirmações, basta fazê-las entrar em acordo e das duas fazer uma só afirmação perfeita. Aquilo que vem de nós não é nada sem o conhecimento que Deus daquilo tem, e o conhecimento que daquilo tem Deus não nos

obriga a progredir se nós mesmos não fazemos também alguma coisa na direção do bem. Nem o que nos é próprio é algo sem o conhecimento que Deus tem dele, e a capacidade de usar da liberdade com dignidade não pode destinar alguém à honra ou à desonra, nem a ação de Deus não pode destinar alguém à honra ou à desonra se ela não tem como matéria dessa diversidade a orientação da nossa vontade, conforme a tendência dela é para o melhor ou para o pior. Essa demonstração do livre-arbítrio deve ser suficiente.

2. As potências adversárias

1 Vejamos agora como é que, nas Escrituras, se diz que as potências adversárias e o próprio diabo combatem o gênero humano, provocando-o e incitando-o ao pecado. Em primeiro lugar, no livro do *Gênesis*, se relata que a serpente seduziu Eva; no livro da Ascensão de Moisés,^[4] que o apóstolo Judas menciona na sua Carta (Jd 1,9), o arcanjo Miguel diz, quando disputa com o diabo acerca do corpo de Moisés, que essa serpente, inspirada pelo diabo, foi a causa da prevaricação de Adão e Eva. Mas há alguns que também se perguntam qual é o anjo que do céu fala a Abraão nestes termos: “Agora eu sei que tu temes Deus e que por causa de mim tu não poupaste o teu querido e amado filho” (Gn 22,12). Está escrito com clareza que se trata de um anjo, que então afirma saber que Abraão temia Deus e não tinha poupado o seu amado filho, como diz a Escritura, mas não declarou que tinha sido por Deus, mas por ele, isto é, por aquele que assim falava. É preciso perguntar também de quem o *Êxodo* está falando quando diz que ele queria matar Moisés porque partia para o Egito. E, ainda, qual é o anjo chamado o *exterminador* e aquele que no Levítico é chamado *apopompaeus*, isto é, aquele que é o emissário e do qual diz a Escritura: “lançará uma sorte para o Senhor e outra sorte para o *apopompaeus*”, isto é, para o que carrega (Lv 16,8). Mas está escrito no primeiro livro dos *Reis* que um espírito muito mau atormentava Saul (1Sm 18,10).^[5] No terceiro livro dos *Reis*, diz o profeta Miqueias: “Eu vi o Deus de Israel sentado no seu trono e toda a milícia do céu estava de pé em volta dele, à sua direita e à sua esquerda. E o Senhor disse: ‘Quem enganará Acab, rei de Israel, para que ele suba, e caia em Ramor-Galaad? E cada um respondia uma coisa. Mas um espírito se adiantou e ficou na frente do Senhor e disse: ‘Eu irei seduzi-lo’. Respondeu-lhe o Senhor: ‘Como o farás?’. Disse ele: ‘Irei e

serei um espírito de mentira na boca de todos os seus profetas’. Disse-lhe: ‘Tu o seduzirás, pois, por certo, podes fazê-lo, vai então e fazê desse modo’. Então o Senhor colocou um espírito de mentira na boca de todos os teus profetas, e o Senhor chamou os males sobre ti” (1Rs 22,19-13, ou, no AT grego: 3Rs ib). Isso mostra claramente que um espírito escolheu com toda a sua vontade e propósito enganar e mentir e que Deus se serviu desse espírito para a morte de Acab, que merecia sofrer tudo isso. No primeiro livro dos Paralelipômenos , diz também: “Levantou-se o diabo Satã em Israel e incitou Davi a recensear o povo” (1Cr 21,1). Segundo os *Salmos*, um anjo maligno esmaga certas pessoas. No *Eclesiastes*, diz Salomão: “Se o espírito daquele que tem o poder se levantar contra ti, não deixes o teu lugar, porque a calma evita numerosos pecados” (Ecl/Qoh 10,4). Lemos em Zacarias que o diabo ficava à direita de Jesus^[6] e o importunava (Zc 3,1). Diz Isaías que a espada de Deus se levanta contra o dragão, a serpente maligna. Que direi de Ezequiel, profetizando claramente na sua segunda visão ao príncipe de Tiro a propósito de uma potência contrária, ele que também diz que o dragão vive nos rios do Egito? Todo o livro onde está escrito a respeito de Jó não fala de outra coisa senão do diabo, pedindo que lhe seja dado poder sobre tudo o que Jó possui, mesmo sobre seus filhos e sobre o seu corpo. E, contudo, ele é vencido pela paciência de Jó. Nesse livro, pelas suas muitas respostas, o Senhor nos instruiu sobre o poder desse dragão que é o nosso adversário. Do Antigo Testamento, é o que até agora se apresentou à nossa memória, afirmando que há poderes contrários mencionados nas Escrituras, que eles se opõem ao gênero humano e que finalmente serão punidos.

Vejamos também, no Novo Testamento, a passagem onde Satã se aproxima do Senhor para tentá-lo. Muitos espíritos malignos e demônios impuros que possuíam as pessoas foram expulsos e postos em fuga pelo Senhor, e a Escritura diz que os corpos desses doentes foram libertados por ele. Mas Judas, quando o diabo tinha posto no seu coração a intenção de entregar Cristo, recebeu depois Satã todo inteiro; de fato, está escrito que “depois da comida, Satanás entrou nele” (Jo 13,27). E o apóstolo Paulo ensina-nos a não ceder espaço ao diabo, mas diz: “Revesti-vos com as armas de Deus, para poder resistir às astúcias do diabo” (Ef 4,27; 6,11), querendo dizer que os santos têm de lutar “não contra a carne e o sangue, mas contra os principados, as potências, os dirigentes deste mundo de

trevas, os espíritos de maldade nos céus” (Ef 6,12). Ele diz que o Salvador foi crucificado pelos príncipes deste mundo que serão destruídos e afirma que não fala segundo a sabedoria deles. Por tudo isso, a divina Escritura nos ensina que existem inimigos invisíveis em luta contra nós, e ela nos incita a nos armar contra eles. Por causa disso, os mais simples daqueles que creem no Senhor Cristo pensam que todos os pecados cometidos pelos homens se devem a essas potências adversárias que importunam as mentes humanas, porque se vê que nesse combate invisível esses poderes são os mais fortes, e que, se de fato o diabo não existisse, nenhum homem pecaria.

2 Mas, quando examinamos mais atentamente a razão, pensamos que não é assim, ao considerar tudo o que vem claramente em nós pela necessidade corporal. Ou devemos supor que a fome e a sede são causadas em nós pelo diabo? Creio que ninguém ousaria afirmá-lo. Se ele não é para nós a causa da fome e da sede, o que dizer quando cada um chega à idade da virilidade e fica sujeito às excitações do calor natural? Se o diabo não é a causa da fome e da sede, conseqüentemente também não o é dos impulsos que vêm com a maturidade corporal, isto é, do desejo de procurar a união sexual. Na realidade, é certo que a causa não é sempre movida pelo diabo; do contrário, haveria que pensar que, se o diabo não existisse, os corpos não sentiriam as perturbações de tal desejo. Se, como se mostrou acima, o desejo de alimentos que os homens têm não vem do diabo, mas de uma apetência natural, continuemos as nossas considerações: se não houvesse o diabo, seria possível aos homens ter tal sabedoria no que concerne ao alimento que se impusessem uma disciplina que nunca passasse além da medida, isto é, para não tomar nem mais do que a situação pede, nem mais do que a razão o permite, e para que não aconteça mais aos homens pecar a respeito da medida de quantidade que se deve ter? Pela minha parte, não penso que, mesmo que não houvesse incitação do diabo para provocar o homem, tais coisas pudessem ser tão bem cumpridas que, ao tomar o alimento, ninguém passasse além da medida e da disciplina, a não ser que o tivesse aprendido através de um longo hábito e de uma grande experiência. Qual é a questão? No que se refere ao alimento e à bebida, poderíamos pecar mesmo sem a incitação do diabo, se estivéssemos na condição de ser pouco temperantes e pouco atentos; seria de esperar que não sofrêssemos algo de semelhante no que se refere ao desejo sexual e ao comportamento dos outros desejos naturais? Julgo que se pode estender o mesmo raciocínio

a todos os outros movimentos naturais, quer se trate da cupidez, da cólera ou da tristeza, e em geral de tudo o que, pelo vício da intemperança, ultrapassa a proporção e a medida da natureza.

A razão é clara: assim como nas coisas boas a intenção humana só por si não é suficiente para a realização do bem e é o auxílio divino que conduz todas as coisas à perfeição; assim também no seu oposto recebemos o começo e como que a semente do pecado naquilo que por natureza usamos. Se tomamos nisso um prazer maior do que o conveniente, e se não resistimos aos primeiros movimentos da intemperança, então o poder do inimigo, aproveitando a oportunidade dessa falha inicial, nos excita e pressiona, esforçando-se por todas as formas para multiplicar em profusão os pecados; nós, os homens, é que fornecemos as ocasiões e os inícios dos pecados, mas são as potências inimigas que os propagam em número e extensão, e, se pudesse ser, sem nenhum limite. Assim, se cai na avareza por desejar algum dinheiro, depois, com o crescimento do vício, aumenta a cupidez. Mesmo depois, quando a paixão produziu a cegueira da mente, instigado e pressionado pelas potências inimigas, não se deseja o dinheiro, mas rouba-se, apodera-se dele pela violência e até pelo derramamento de sangue. Para nos assegurar com mais certeza de que esses vícios sem medida vêm dos demônios, é fácil de constatar que aqueles que estão oprimidos com amores imoderados, cóleras intempestivas, tristezas excessivas, não sofrem menos do que aqueles que nos seus corpos são possuídos pelos demônios. Há mesmo histórias que relatam que alguns enlouqueceram por causa do amor, outros por causa da cólera, não poucos por tristeza, ou de uma excessiva alegria. No meu entender, isso acontece porque as potências contrárias, isto é, os demônios, tendo ocupado nas mentes deles o lugar que a intemperança lhes preparou, possuíram totalmente as suas faculdades, sobretudo quando a virtude nunca teve para eles o prestígio que os teria levado a resistir.

3 Portanto, há pecados que não vêm dos poderes adversários, mas têm origem nos movimentos naturais do corpo, como o apóstolo Paulo claramente afirma ao dizer: “a carne conspira contra o espírito, e o espírito contra a carne; opõem-se um ao outro para que não façais o que quereis” (Gl 5,17). Com efeito, se a carne conspira contra o espírito e o espírito contra a carne, temos às vezes uma luta contra a carne e o sangue, quer

dizer, como homens que somos e caminhamos segundo a carne; mas não podemos ser tentados com tentações mais fortes que as humanas, pois de nós se diz: “Não sejamos atingidos por tentações que não sejam humanas. Pois Deus é fiel e não permitirá que sejais tentados além do que podeis suportar” (1Cor 10,13). Aqueles que dirigem os jogos de arena não deixam os que vêm combater se pôr a lutar uns contra os outros de qualquer maneira, ou ao acaso, mas examinam com atenção os corpos e as idades, comparam-nos de modo equilibrado, pondo uns ao lado dos outros, este com aquele e aquele com este, por exemplo, crianças com crianças, jovens com jovens, de tal modo que haja semelhança de idade e de força. Do mesmo modo se deve pensar da Providência divina: todos aqueles que vêm para as lutas da vida humana são governados pela sua justíssima moderação segundo a medida da virtude de cada um, que só é conhecida por aquele que vê por dentro os corações dos homens; assim, um combate contra tal carne, outro contra tal outra, este durante certo tempo, outro durante outro, este homem será submetido a tal excitação carnal que o impele para isso ou aquilo, e um outro para outra coisa; das potências inimigas, um terá de resistir a esta ou àquela, e outro a duas ou três ao mesmo tempo, umas vezes contra uma, outras de novo contra outra, a certa altura contra esta e noutra ocasião contra aquela, depois de tais atos, lutará contra umas, depois de outros atos, contra outras. Repara se não é isso que o Apóstolo indica ao dizer: “Deus é fiel, a ponto de não permitir que sejais tentados mais do que podeis suportar” (1Cor 10,13), isto é: que cada um é tentado no grau em que sua virtude lhe torna possível. Apesar do que dissemos, que por um justo juízo de Deus cada um é tentado tanto quanto o permite a sua força, nem por isso se deve acreditar que aquele que é tentado vai vencer de todos os modos; é assim com o lutador que, mesmo que se lhe tenha oposto um adversário de força equivalente, não poderá vencer de qualquer maneira. Com efeito, se a força dos lutadores não fosse igual, a palma do vencedor não seria justa, nem justa a derrota do vencido; é por isso que Deus permite que sejamos tentados, mas não mais do que o que podemos; somos tentados segundo as nossas forças. Contudo, não está escrito que Deus fará de tal modo que vamos conseguir sustentar a tentação, mas que possamos suportá-la, ou seja, ele nos dá o poder de suportá-la. Compete a nós empregar com diligência, ou com negligência, esse poder que ele mesmo nos deu. Não devemos ter dúvidas de que, em todas as tentações, tenhamos as forças de as suportar, desde que usemos convenientemente do poder que recebemos.

Não é a mesma coisa ter o poder de vencer, e vencer, como o indica com muitas precauções o próprio Apóstolo, ao dizer: “Deus nos dará os meios de poder suportar” (1Cor 10,13), e não: para suportar. Pois há muitos que não suportam e são vencidos pela tentação. Deus não dá o suportar, senão parece que não haveria nenhuma luta; mas o poder suportar.

Essa força de poder vencer que nos é dada, segundo a faculdade do livre-arbítrio, ou nós a empregamos com diligência e vencemos, ou com indolência e somos derrotados. Se nos fosse dado tudo para conseguir de todos os modos, isto é, para não ser vencido de maneira nenhuma, ficaria ainda, àquele que não pode ser vencido, algum motivo para disputar? Tem a palma algum mérito quando se retirou ao adversário a capacidade de vencer? Ao contrário, se nos for dada igualmente a todos a possibilidade de vencer, e se a maneira de utilizar essa possibilidade está em nosso poder – a saber, com diligência ou com negligência –, a derrota será com justiça do vencido, e a palma, do vencedor. Ao longo desta discussão que temos conduzido com nossas forças, me parece que surgiu, claramente, que há delitos que cometemos sob a pressão dos poderes malignos, e outros por incitação deles, quando nos provocam a certos excessos e faltas de moderação. Portanto, é preciso agora investigar como é que os poderes contrários operam em nós esse incitamento.

4 Constatamos que os pensamentos que vêm do nosso coração (memória de quaisquer ações passadas, ou reflexão sobre qualquer causa das coisas) vêm umas vezes de nós mesmos, outras são despertados pelos poderes contrários, e por vezes é Deus, e os santos anjos, que os põem em nós. Tudo isso pode parecer fantasia se não for provado pelo testemunho que vem da divina Escritura. Davi atesta os pensamentos que de nós nascem quando diz nos Salmos: “O pensamento do homem te louvará e o resto dos seus pensamentos celebrará para ti um dia de festa” (Sl 75,11). Dos que habitualmente vêm dos poderes contrários, testemunha Salomão no Eclesiastes deste modo: “Se o espírito daquele que tem o poder sobe em ti, não deixes o teu lugar, porque a cura sustará numerosos pecados” (Ecl 10,4). Também o apóstolo Paulo dá testemunho nestes termos: “Destruímos os pensamentos e todo o orgulho que se levanta contra o conhecimento de Cristo” (2Cor 10,5). Que vem de Deus também o atesta Davi nos Salmos: “Bem-aventurado o homem que em ti encontra apoio, Senhor, pois ele

elevantá a ti o seu coração” (Sl 83,6). E o Apóstolo diz: “Deus pôs no coração de Tito” (2Cor 8,16). Que algo possa ser sugerido pelos anjos, bons ou maus, aos corações dos homens, é indicado pelo anjo que acompanha Tobias e por estas palavras do profeta: “E o anjo que falava em mim respondeu” (Zc 1,14). O livro do Pastor afirma também que cada homem tem a companhia de dois anjos (Herma 6,2): quando os bons pensamentos sobem ao nosso coração, segundo ele, é o bom anjo que os sugere, mas, se são pensamentos contrários, são levantados pelo anjo mau. Barnabé ensina a mesma doutrina na sua carta quando fala das duas vias, a da luz e a das trevas, à frente das quais certos anjos são colocados: à via da luz, os anjos de Deus; à via das trevas, os anjos de Satã. Mas não se deve pensar que o que eles sugerem, bom ou mau, ao nosso coração, produza alguma coisa mais do que um movimento, ou um estímulo, que nos provoca para o bem ou para o mal. Quando um poder maligno nos provoca para o mal, temos a possibilidade de afastar para longe de nós essas más sugestões, de resistir às suas persuasões perversas, e de não fazer nada de realmente culpável; e, ao contrário, também a de não seguir o poder divino que nos convida a agir melhor, e assim o poder do livre-arbítrio continua a salvo num caso e no outro.

Dizíamos acima que tanto a Providência divina quanto as potências contrárias podem também despertar em nós as recordações concernentes ao bem ou ao mal. O livro de Ester o mostra: Artaxerxes não se lembrava dos bons serviços prestados pelo santíssimo homem Mardoqueu, mas, quando à noite era atormentado com insônias, Deus inspirou a sua memória para que ele mandasse buscar os livros com os relatos das suas crônicas; posto então ao corrente dos serviços prestados por Mardoqueu, mandou enforcar seu inimigo Aman, e prestar-lhe homenagens magníficas, e assim salvou todo o povo santo que estava ameaçado por um perigo iminente (Ester 6-8). Pensamos que foi o poder contrário, o poder do diabo, que pôs na memória dos pontífices e dos escribas o que eles foram dizer a Pilatos: “Senhor, nós nos lembramos do que esse sedutor disse enquanto ainda vivia: ‘Depois do terceiro dia ressuscitarei’” (Mt 27,63). A ideia que Judas teve de entregar o Salvador não veio só da sua malvada inteligência: a Escritura atesta que o diabo tinha posto no seu coração o desejo de entregá-lo. Por isso é que Salomão deu um bom conselho, quando disse: “Protege o teu coração com toda a segurança” (Pr 4,23). Do mesmo modo, o apóstolo Paulo, quando

diz: “Devemos dar mais atenção ao que ouvimos para não nos desviarmos” (Hb 2,1), e quando diz: “Não deis lugar ao diabo” (Ef 4,27). Por aí ele mostra que certas ações e certa negligência espiritual dão lugar ao diabo, o qual, uma vez que entrou em nosso coração, ou toma conta de nós, ou, pelo menos – se não pode possuí-la completamente –, suja a nossa alma lançando em nós seus raios inflamados; com eles umas vezes nos fere com uma ferida que vai até o mais fundo de nós, outras vezes apenas nos provoca. Acontece, raras vezes, quando se está protegido como que por uma fortaleza sólida, pelo escudo da fé, que alguns poucos conseguem apagar esses raios inflamados de tal modo que não se encontram mais vestígios da ferida. É isso que de fato se diz na Carta aos Efésios: “Não temos de lutar contra a carne e o sangue, mas contra os principados, os que dirigem este mundo de trevas, os espíritos de maldade que estão nos céus” (Ef 6,12). É preciso compreender desse modo a palavra “nós”, isto é: eu, Paulo, e vós, efésios, e todos aqueles que não têm de lutar contra a carne e o sangue: são eles que de fato têm de lutar contra os principados e potestades que dirigem este mundo das trevas; não como era o caso dos coríntios, onde havia que lutar contra a carne e o sangue, e não estavam sujeitos à tentação além da tentação humana.

5 Contudo, não se deve pensar que cada homem tenha de lutar contra tudo. No meu entender, é impossível que algum homem, por mais santo que seja, possa combater contra tudo ao mesmo tempo. Certamente, isso não pode acontecer, mas, se de algum modo acontecesse, é impossível que a natureza humana possa enfrentá-lo sem se destruir completamente a si mesma. Tal como se cinquenta soldados disserem que vão lutar contra outros cinquenta soldados, não se deve entender que cada um deles vai enfrentar os outros cinquenta, mas cada um se expressará corretamente dizendo: nosso combate é contra cinquenta soldados, e todos são contra todos; assim também as afirmações do Apóstolo devem ser entendidas no mesmo sentido: que todos os atletas e soldados de Cristo têm de entrar e combater contra todos os poderes acima mencionados; todos vão combater, um contra um, e certamente do modo que o decidir o justo dirigente dessa luta, que é Deus. Penso, com efeito, que a natureza humana tem limites definidos, mesmo quando se trata de Paulo, de quem está escrito: “Este é para mim um vaso de eleição” (At 9,15), ou de Pedro, contra quem nada podem as portas do inferno, ou de Moisés, o amigo de Deus, pois cada um deles não poderia aguentar todo o batalhão dos poderes contrários ao mesmo tempo sem sofrer algum dano, a não ser que operasse neles o poder daquele que foi o único a dizer: “Tende confiança, fui eu que venci o mundo” (Jo 16,33). Por causa dele é que Paulo dizia confiante: “Tudo posso naquele que me fortifica, Cristo” (Fl 4,13), e ainda: “Trabalhei mais do que todos eles, não eu, mas a graça de Deus comigo” (1Cor 15,10).

Por causa desse poder, certamente não humano, que agia e falava nele, Paulo dizia: “Tenho a certeza de que nem a morte nem a vida, nem os anjos nem os principados nem as potestades, nem as coisas presentes nem as futuras, nem a força, nem a altura, nem a profundidade nem nenhuma outra criatura não poderá nos separar do amor de Deus que está em Jesus Cristo Nosso Senhor” (Rm 8,38-39). Sou de opinião que a natureza humana por si mesma não poderia entrar em combate contra os anjos, contra as alturas e as profundezas, contra outras criaturas, mas, quando ela tiver sentido, o Senhor presente nela e aí habitando, dirá confiante no auxílio divino: “o Senhor é a minha luz e a minha salvação, a quem temerei? O Senhor é o protetor da minha vida, de que terei medo? Aqueles que querem me prejudicar para se alimentar das minhas carnes, os meus inimigos que me

atormentam, enquanto se aproximam de mim, foram eles mesmos presas de fraqueza e caíram. Se formarem em combate contra mim, meu coração não temerá; se começarem uma batalha contra mim, é nele que vou esperar” (Sl 26,1-3). É por isso que eu penso que talvez nunca o homem possa vencer por si mesmo um poder contrário sem utilizar o auxílio divino. Por isso se diz que um anjo lutou com Jacó. De acordo com o que entendemos, não é a mesma coisa dizer que um anjo lutou com Jacó ou que um anjo lutou contra Jacó; mas esse anjo que estava com ele para sua salvação, que conhecia os seus progressos e até lhe deu o nome de Israel, luta com ele, quer dizer: está com ele na luta e o ajuda no combate, pois sem dúvida havia outro contra o qual Jacó lutava, contra o qual combatia. Assim, Paulo não nos diz que temos de lutar com os príncipes e poderes, mas contra os principados e potências. Consequentemente, se Jacó lutou, sem dúvida foi contra uma dessas potências, que, segundo a enumeração de Paulo, se opõem ao gênero humano e principalmente aos santos e combatem contra eles. Finalmente é por isso que a Escritura diz que ele lutou com o anjo e que ele ganhou força indo para Deus, para significar que o seu combate e a sua luta foram feitos com ajuda do anjo e que a palma da perfeição conduziu a Deus o vencedor.

6 Não se deve certamente pensar que tais combates se realizam por meio da força corporal e dos exercícios da arena, mas é uma luta de um espírito que enfrenta outro espírito, tal como Paulo nos indica que nos espera um combate contra os principados e as potências, os dirigentes deste mundo de trevas. É preciso entender por isso um gênero de lutas em que se levantam contra nós toda espécie de danos, de perigos, de opróbrios, de acusações, e a intenção das potências adversas que os suscitam não é somente para nos fazer sofrer, mas de nos excitar a muita raiva, ou tristezas excessivas, ou aos limites do desespero, mas também, o que é mais grave, de nos empurrar, esgotados de cansaço e vencidos pelo desânimo, a nos queixar de Deus, como se ele não governasse a vida dos homens de uma maneira equânime e justa; e desse modo enfraquecer a nossa fé, fazer nos decair da esperança, forçar-nos a abandonar a verdade das doutrinas, e persuadir-nos a ter pensamentos ímpios a respeito de Deus. A Escritura relata coisas semelhantes a propósito de Jó, quando o diabo pediu a Deus que lhe desse poder sobre os bens dele. Ela nos ensina que nós não somos objeto de ataques fortuitos quando somos atingidos nos nossos bens por danos semelhantes, e que não é por acaso que um dos nossos é levado em

cativeiro, ou que as casas se desmoronam esmagando pessoas amadas. Em tudo isso cada fiel deve dizer: “Tu não terias poder sobre mim, se não o tivesses recebido do alto” (Jo 19,11). Podes constatar que a casa de Jó não teria caído sobre os seus filhos se antes o diabo não tivesse recebido poder contra eles; que os cavaleiros não teriam irrompido em três assaltos para levar os camelos, os bois e o restante do seu gado e não tivessem sido incitados por esse espírito do qual se tinham feito servos obedecendo-lhe por sua vontade. Mesmo o que parecia fogo, ou que se julgava ser um raio, não teria caído sobre as ovelhas de Jó antes que o diabo tivesse dito a Deus: “Não rodeaste de fortificações tudo o que ele possui fora e tudo o que ele possui dentro etc.? Mas agora estende a mão e toca nos seus bens, e verás se ele dará graças na tua frente” (Jó 1,10-11).

7 Tudo isso mostra que o que acontece no mundo e que julgamos indiferente, seja funesto ou de outra natureza, não vem de Deus, mas também não se produz sem Deus, pois Deus não somente não impede as potências malignas e contrárias de realizar o que querem fazer, mas até o permite em certas condições de tempo e de pessoas; é assim que se diz do próprio Jó, que, em certo momento, estava prestes a cair sob o poder de outros e de ver a sua casa depredada pelos criminosos. É por isso que a Escritura divina nos ensina a acolher tudo o que nos acontece como vindo de Deus, sabendo que sem Deus nada se faz. Que as coisas sejam assim, isto é, que nada se faz sem Deus, não podemos pôr em dúvida, pois Nosso Senhor e Salvador proclama claramente: “Dois pássaros não se vendem por uma moedinha, e algum deles cai na terra sem a ordem de Nosso Pai que está nos céus?” (Mt 10,29). Precisamos nos estender um pouco acerca da luta que as potências adversárias movem contra os homens, e também sobre as infelicidades que afetam o gênero humano, isto é, as tentações desta vida, conforme diz Jó: “Não é tentação toda a vida do homem sobre a terra?” (Jó 7,1). Queríamos assim mostrar com mais clareza como é que isso acontece e o que se deve pensar, para o fazer de modo piedoso. Vejamos agora como os homens caem também no pecado do falso conhecimento e com que finalidade as potências contrárias se aplicam também neste ponto na luta contra nós.

3. As três formas de sabedoria

1 O santo Apóstolo, querendo nos dar um grande e profundo ensinamento sobre o conhecimento e a sabedoria, diz na primeira Carta aos Coríntios: “Mas nós falamos da sabedoria dos perfeitos, não da sabedoria deste mundo, nem dos príncipes deste mundo que são destruídos, mas falamos da sabedoria de Deus escondida no mistério, aquela que Deus predestinou antes de todos os séculos para nossa glória, que nenhum dos príncipes desse mundo conheceu. Se eles a tivessem conhecido, jamais teriam crucificado o Senhor de majestade” (1Cor 2,6-8). Aqui, querendo mostrar quais são as diferentes sabedorias, ele escreve que há certa “sabedoria deste mundo” e certa “sabedoria dos príncipes deste mundo”, e que essa não é a “sabedoria de Deus”. Por essas palavras, “sabedoria dos príncipes deste mundo”, ele não quer dizer, creio eu, que existe uma sabedoria para todos os príncipes deste mundo, mas, me parece, indica que há uma sabedoria própria de cada um dos príncipes deste mundo. E ainda diz: “Falamos da sabedoria de Deus escondida no mistério, aquela que Deus, antes de todos os séculos, predestinou para servir à nossa glória” (1Cor 2,7); esta é a sabedoria de Deus, que está escondida e que Deus não deu a conhecer em outras épocas e outras gerações aos filhos dos homens, tal como revelou agora aos seus santos apóstolos e profetas: é preciso perguntar se ele a identifica com a sabedoria de Deus que existia antes da vinda do Salvador, aquela que fazia Salomão ser sábio, enquanto o que ensina o Salvador é mais sábio do que Salomão, segundo a palavra do próprio Salvador: “Eis aqui quem é mais do que Salomão” (Mt 12,42), o que mostra, com efeito, que os discípulos do Salvador recebiam mais ensinamento do que tinha Salomão. Se se objeta que o Salvador sabia certamente mais, e, contudo, que ele não dava aos outros mais doutrina do que Salomão, como conciliar com isso, e como fazer concordar o que está dito com o que se segue: “A rainha do Sul se levantará no dia do juízo e condenará os homens desta geração, porque ela veio dos confins da terra para escutar a sabedoria de Salomão, e eis que aqui está quem é mais do que Salomão”? (Mt 12,42). Há, pois, uma sabedoria deste mundo e há talvez também uma sabedoria para cada um dos príncipes deste mundo. Dessa sabedoria de Deus único pensamos que se indica que ela agiu de modo menor junto dos homens da antiguidade e dos antepassados, mas que ela se revelou mais completamente em Cristo. Mas, dessa sabedoria de Deus, trataremos no devido lugar.

2 Uma vez que estamos falando das potências contrárias e da maneira como elas conduzem os combates pelos quais insinuam nas inteligências humanas um falso conhecimento e seduzem as almas quando estas pensam ter encontrado a sabedoria, parece-me necessário discernir e distinguir o que é a sabedoria deste mundo e o que é a sabedoria dos príncipes deste mundo, para que assim se possa melhor perceber quem são os pais dessa sabedoria, ou melhor, dessas sabedorias. Julgo, portanto, como dissemos antes, que a sabedoria deste mundo não é a mesma que as sabedorias dos príncipes deste mundo; é por essa sabedoria que se concebe e compreende o que é deste mundo. Nela não há nada que nos possa dar uma ideia da divindade, nem da ordem do mundo, ou daquelas coisas que são mais excelentes, nem mesmo dos princípios de uma vida boa e feliz; mas ela é, por exemplo, como a arte poética, ou a gramática, ou a retórica, ou a geometria, ou a música, ao que se pode talvez acrescentar a medicina. Em todas estas, pode-se dizer que está presente a sabedoria do mundo. Entendemos por sabedoria dos príncipes deste mundo aquilo a que chamam filosofia secreta e oculta dos egípcios, a astrologia dos caldeus, a sabedoria dos indianos, que prometem o conhecimento das realidades superiores, e também as opiniões múltiplas e variadas dos gregos acerca da divindade. Vemos, pois, nas santas Escrituras, que há governantes sobre todas as nações; lemos em Daniel que há um governante no reino dos persas e um governante no reino dos gregos, e a lógica do seu texto mostra com evidência que não se trata de homens, mas de certas potências. No profeta Ezequiel, indica-se muito claramente que o príncipe de Tiro é uma potência espiritual. Os príncipes desse mundo e os outros do mesmo gênero, tendo cada um a sua sabedoria, professando as suas doutrinas e opiniões diversas, quando viram Nosso Senhor e Salvador na sua pregação prometer que tinha vindo a este mundo para destruir todas as doutrinas que provêm daquilo que falsamente é chamado conhecimento, ignorando quem estava oculto no seu íntimo, imediatamente lhe armaram ciladas. De fato, “os reis da terra se levantaram e os príncipes se reuniram contra o Senhor e contra o seu Cristo” (Sl 2,2). O Apóstolo, que lhes conhecia os ardis, e compreendera o que eles tinham maquinado contra o Filho de Deus, quando crucificaram o Senhor da glória, disse: “Falamos da sabedoria entre os perfeitos, sabedoria não deste mundo, nem dos príncipes deste mundo que foram destruídos, aquela que nenhum dos príncipes deste mundo conheceu. Se eles a tivessem conhecido, nunca teriam crucificado o Senhor de majestade” (1Cor 2,6-8).

3 Podemos perguntar-nos se essas sabedorias dos príncipes deste mundo, que eles se esforçam por incutir nos homens, lhes são apresentadas pelas potências contrárias com vistas a lhes armar ciladas e de prejudicá-los, ou se a sua origem é apenas o erro, quer dizer: os príncipes deste mundo não têm por finalidade causar prejuízos aos homens, mas eles pensam que essas sabedorias são verdadeiras, e é por isso que desejam ensinar aos homens o que eles acham que é verdadeiro; isso é o que me parece mais certo. Assim, por exemplo, os pensadores gregos e os dirigentes das muitas escolas, a partir do momento em que tomaram por verdade o erro de uma falsa doutrina, e que eles para si julgavam que era verdadeira, se esforçavam então por persuadir os outros de que o que eles pensavam é verdadeiro. Pode-se supor que é assim que agem os príncipes deste mundo, mundo no qual certas potências espirituais receberam em partilha o governo de certas nações e por isso são chamadas príncipes deste mundo. Há também, além desses príncipes, certas energias peculiares deste mundo, isto é, umas potências espirituais, com atividades próprias em que elas mesmas escolheram agir conforme seu livre-arbítrio, e entre elas encontram-se esses espíritos que agem na sabedoria deste mundo; por exemplo, uma energia ou potência particular inspira a poesia, outra, a geometria, e assim elas movem cada arte ou disciplina desse gênero. Por isso muitos gregos pensaram que não podia haver arte poética sem delírio; e as histórias deles contam que, por vezes, aqueles a que chamam vates são de repente possuídos por um espírito delirante. Que dizer ainda daqueles a quem chamam adivinhos que, pela ação dos demônios que os governam, proferem oráculos em versos modulados com arte. Mas os que eles chamam bruxos ou feiticeiros às vezes, depois de terem invocado demônios sobre crianças pequenas, fazem-nas dizer poemas dignos de admirar e espantar todo mundo. Vejamos como se deve entender que essas coisas se passam: as almas santas e sem mancha, que se dedicaram a Deus com todo o amor e toda a pureza, que viveram afastadas de todo contato demoníaco, que se purificaram por uma grande abstinência e se instruíram em doutrinas piedosas e religiosas, adquiriram desse modo uma participação na divindade e mereceram receber a graça da profecia e de todos os outros dons divinos; do mesmo modo se deve pensar que aqueles que se entregam às potências contrárias pelo esforço da sua vida e pelo empenho em favor do que lhes é agradável recebem a sua inspiração e tornam-se participantes

da sua sabedoria e doutrina. Segue-se daqui que se tornam sujeitos das ações deles, uma vez que se submeteram antes à sua escravatura.

4 A propósito daqueles que ensinam de Cristo coisas diferentes do que permite a orientação da Escritura, não é inútil examinar se é com uma finalidade hostil à fé em Cristo que as potências contrárias se esforçam por imaginar doutrinas fantasiosas e ímpias, ou se essas mesmas potências, tendo ouvido as palavras de Cristo, não puderam retirá-las do fundo das suas consciências, nem observá-las de modo puro e santo, por meio de instrumentos que lhes eram convenientes, e, por assim dizer, pelos seus próprios profetas, introduziram diversos erros contra a regra da verdade cristã. É mais certo pensar que essas potências apóstatas e trãsfugas, que se afastaram de Deus, inventam erros e enganos da sua falsa doutrina, quer por causa da própria maldade da sua mente e da sua vontade, quer por causa da inveja contra os que se preparam para subir pelo conhecimento da verdade ao mesmo nível de onde elas caíram, a fim de impedir que progridam.

Foi claramente mostrado por muitos indícios que a alma humana, enquanto está neste corpo, pode acolher as diversas energias, isto é, operações de espíritos diversos, tanto maus como bons. E os maus agem de duas maneiras: ou tomam posse completa e inteiramente da inteligência, a ponto de não deixar quem eles assediam compreender ou pensar seja o que for, como é o caso dos que vulgarmente são chamados energúmenos, e que vemos em estado de demência e loucura, semelhantes àqueles que, segundo o Evangelho, foram curados pelo Senhor; ou então, com intenção hostil, com o auxílio de ideias variadas e de persuasões funestas, depravando uma alma inteligente e sensata, como foi o caso de Judas, provocado ao crime de traição por instigação do diabo, segundo o testemunho da Escritura: “Quando então o diabo já tinha posto no coração de Judas Iscariotes a intenção de entregá-lo” (Jo 13,2). Recebemos a energia, ou operação do espírito bom, quando somos movidos e provocados ao bem, e quando a inspiração se dirige às realidades celestes e divinas. Foi assim que os santos anjos e o próprio Deus agiram nos profetas, convidando com santas sugestões, e exortando-os ao que é melhor, mas certamente deixando ao homem a liberdade de julgar se consente ou não seguir o convite que o chama para as realidades celestes e divinas. Por aqui se distingue

claramente quando a alma é movida pela presença de um espírito melhor; nesse caso, a inspiração que a incita não lhe faz sentir absolutamente nenhuma perturbação nem alienação da mente, e ela não perde o julgamento do livre-arbítrio; assim eram todos os profetas e os apóstolos que apresentavam as respostas divinas sem nenhuma perturbação da mente. Já mostramos antes por exemplos (III, 2, 4) como é que a memória do homem pode ser convidada pelas sugestões do bom espírito a lembrar-se do que é melhor, quando fizemos menção de Mardoqueu e Artaxerxes.

5 Parece-me, por isso, coerente investigar por que a alma humana tanto pode ser influenciada pelos espíritos bons quanto pelos maus. Suponho que as causas sejam anteriores ao nosso nascimento corporal, como indica o fato de João, agitando-se, e exultando no ventre da mãe, quando a voz da saudação de Maria chegou aos ouvidos de sua mãe Isabel, e como o declara o profeta Jeremias, que, antes de ser formado no útero da mãe, já era conhecido de Deus, e, antes de sair da matriz, foi por ele santificado, e, ainda criança, recebeu a graça da profecia; e, em contrapartida, mostrou claramente que alguns foram possuídos por espíritos inimigos desde pouca idade, isto é, nasceram já com um demônio; e outros foram adivinhos sendo ainda crianças, como o atesta a história; outros desde tenra idade sofreram ação do demônio Píton, ou seja, do ventríloquo. Aqueles que declaram, como o afirma nossa fé, segundo me parece, que a Providência divina rege tudo o que está no mundo e que não é culpada de nenhuma falta de injustiça, a tudo isso respondem: é preciso admitir que houve causas anteriores que, antes que as almas nascessem nos corpos, as tornaram culpadas em seus pensamentos e em seus movimentos, por quais deméritos são julgadas pela Providência divina. Porque a alma possui sempre o seu livre-arbítrio, quer esteja no corpo ou fora do corpo; a liberdade do arbítrio se move sempre para o bem ou para o mal, e nunca o senso da razão, isto é, a mente ou alma, pode ficar sem movimento, ou bom ou mau. Que esses movimentos fossem causa de méritos é verossímil, mesmo antes que agissem neste mundo; assim, segundo as causas e os méritos, desde o nascimento, ou melhor, por assim dizer, antes mesmo do nascimento, a divina Providência decidiu que padeceriam algo do bem, ou do mal.

6 Tudo isso se diz daquilo que parece acontecer aos homens desde o seu nascimento, e mesmo antes que surjam à luz do dia. De tudo aquilo que os vários espíritos sugerem à alma, isto é, aos pensamentos do homem, e a incita ao bem e ao mal, é preciso pensar que, às vezes, há causas anteriores ao nascimento corporal. Num momento, a inteligência vigilante, afastando dela o mal, atrai a ajuda dos bons espíritos; ou, pelo contrário, negligente e preguiçosa, ela não fica atenta e dá lugar aos espíritos que, como ladrões escondidos, conspirando suas artimanhas, invadem mentes humanas, quando veem que a preguiça lhes cedeu lugar, como diz o apóstolo Pedro: “Vosso adversário, o diabo, vos rodeia como leão rugindo, procurando a quem devorar” (1Pd 5,8). É por isso que se deve proteger de todos os modos o nosso coração, dia e noite, e não dar lugar ao diabo, mas fazer tudo o que é preciso para que os ministros de Deus, a saber, os espíritos enviados a serviço daqueles que são chamados para herdarem a salvação, encontrem em nós um lugar e se alegrem de entrar e ser acolhidos em nossa alma: habitando em nós, ou seja, em nosso coração, eles nos dirigirão com melhores conselhos, se de fato encontrarem a morada do nosso coração ornada com a prática das virtudes e da santidade.

Sejam suficientes essas coisas, que, na medida das nossas forças, discutimos, sobre os poderes que se opõem ao gênero humano.

4. Se é verdade o que dizem que cada um tem duas almas

1 Uma vez que já falamos das tentações que são ditas mais do que humanas, das lutas que empreendemos contra os principados e potências, dos que dirigem este mundo de trevas, e dos espíritos de maldade que estão nos céus (Ef 6,12) e também daquelas que conduzimos contra os espíritos malignos ou demônios imundos, penso que agora não devo passar em silêncio as tentações que às vezes nascem da carne e do sangue, ou da sabedoria da carne e do sangue, que é chamada inimiga de Deus. Sobre isso creio que é preciso se perguntar se há em nós, homens compostos de alma e corpo, e também de um espírito de vida, alguma outra coisa que possua um estímulo que lhe seja próprio, e um movimento que nos provoque ao mal; é assim que alguns costumam se colocar a questão: se se deve dizer que há em nós duas almas, uma mais divina e celeste, e a outra, inferior; ou se é pelos corpos que nós somos atraídos e incitados para os males que ao corpo

são agradáveis, uma vez que o corpo está certamente em oposição e inimizade com o espírito, e nós estamos ligados aos corpos, que por natureza são mortos e realmente inanimados – pois, de fato, é por nós, isto é, pelas nossas almas, que o corpo material é vivificado. Ou ainda, numa terceira solução, que segue a opinião de alguns filósofos, será que a nossa alma, uma pela sua substância, é composta de vários elementos, uma parte dita racional, e outra, irracional, sendo essa parte irracional dividida também em duas tendências: a da cupidez e a da cólera. Sabemos que essas três sobreditas opiniões concernentes à alma foram sustentadas por alguns. Dessas, como dissemos, não vejo que se possa confirmar pelo testemunho da divina Escritura aquela que, segundo certos filósofos gregos, defende a alma tripartite; quanto às duas restantes, podem se encontrar algumas afirmações nas letras divinas que parecem adaptar-se a elas.

2 Discutamos primeiro a opinião comum entre alguns segundo a qual há em nós uma alma boa e celeste e outra mais baixa e terrestre, e que a melhor é posta em nós vinda do céu, como aquela que deu a Jacó a palma da vitória sobre o seu irmão, quando ainda no seio materno lutava contra Esaú, que assim ele suplantava; ou aquela que em Jeremias foi santificada desde a matriz, e aquela que foi cheia do Espírito Santo em João desde o seio da mãe. Afirmam que a alma que eles chamam inferior foi semeada junto com o corpo a partir do sêmen corporal, e conseqüentemente nega que ela possa viver e subsistir sem o corpo; é por isso que muitas vezes lhe chamam carne. O que está escrito na Escritura: “A carne tem desejos contra o espírito” (Gl 5,17), não a entendem da carne, mas da alma que é propriamente falando a alma da carne. Tentam, contudo, confirmá-lo pelo que está escrito no *Levítico*: “A alma de toda carne é o próprio sangue” (Lv 17,14). Uma vez que o sangue que está difundido em toda a carne é que lhe fornece a vida, dizem que essa alma, que é chamada a alma de toda a carne, se encontra no sangue. Segundo eles, estas palavras: “A carne combate contra o espírito, e o espírito contra a carne”, e o que está escrito: “A alma de toda a carne é o seu sangue”, designam por outras palavras a sabedoria da carne, uma espécie de espírito material, que não está submetido à lei de Deus, e não pode lhe estar submetido, porque possui vontades terrestres e desejos corporais. Pensam que o Apóstolo falou disso nestes termos: “Vejo nos meus membros outra lei que combate a lei da minha mente e me faz cativo da lei do pecado, que está nos meus membros” (Rm 7,23).

Pode-se contrapor a eles que isso se diz da natureza do corpo, morto segundo as propriedades da sua natureza própria, mas possuindo, segundo eles, um pensamento ou sabedoria inimiga de Deus, e que luta contra o espírito, como quando se pretende que a própria carne tenha de algum modo uma voz, que proclame que ela não quer ter fome, nem sede, que ela não quer sofrer, nem padecer seja de que modo for nenhum mal-estar, quer venha da abundância, quer da penúria. Mas tentarão resolver e atacar, mostrando que na alma há numerosas paixões que não vão buscar na carne a sua origem, e às quais, no entanto, o espírito se opõe: a ambição, a avareza, a inveja, o ciúme, o orgulho e tudo o que lhes é parecido. Vendo que a mente ou o espírito do homem têm de combatê-las, não atribuem a todos esses males outras causas além daquela de que falamos acima: uma alma como que corporal gerada pela transmissão do sêmen; costumam acrescentar à sua afirmação o testemunho do Apóstolo: “As obras da carne são evidentes: a fornicação, a impureza, a falta de pudor, a idolatria, a feitiçaria, as inimizades, as disputas, as invejas, as cóleras, as rixas, as divisões, as discórdias, os ciúmes, as bebedeiras, as orgias, e tudo o que se parece com elas” (Gl 5,19-21). Para eles, nem todos esses males tiram a sua origem do curso e deleite da carne, mas só parte deles, de tal modo que se pensa que todos esses movimentos existem por causa de uma substância que não possui alma, isto é, a carne. Mas esta outra frase do Apóstolo: “Vede, irmãos, de onde fostes chamados, pois não há entre vós muitos sábios segundo a carne” (1Cor 1,26), talvez tenda para esta solução: que parece haver, propriamente falando, uma sabedoria carnal e material diferente da sabedoria segundo o espírito, e não poderíamos chamá-la de sabedoria se não houvesse uma alma da carne que pudesse ser sábia com essa sabedoria dita da carne. Em seguida, acrescentam: “Se a carne combate contra o espírito e o espírito contra a carne, de tal maneira que nós não fazemos o que queremos” (Gl 5,17), quem são aqueles de quem se disse: “de tal modo que nós não fazemos o que queremos”? Eles dizem que é certo que não se trata do espírito, pois não é a vontade do espírito que é impedida; nem da carne, porque, se ela não tem alma própria, certamente não tem vontade. Só resta dizer que se trata da vontade dessa alma que pode ter uma vontade particular, opondo-se de fato à vontade do espírito. Sendo assim, é claro que a vontade dessa alma é como que um intermediário entre a carne e o espírito, servindo sem dúvida um dos dois e obedecendo àquele a quem ela escolheu obedecer; e quando essa alma se sujeitou aos deleites

da carne, torna os homens carnais; mas, quando ela se junta ao espírito, ela faz que o homem esteja no espírito, e por isso seja chamado espiritual. O Apóstolo parece que indica isso, quando diz: “Vós, porém, não estais na carne, mas no espírito” (Rm 8,9).

É preciso perguntar que vontade é essa que fica entre a carne e o espírito e que não é nem a vontade da carne nem a que se diz do espírito. É certo que tudo o que se diz pertencer ao espírito é vontade do espírito e que tudo o que é dito obra da carne é vontade da carne. Que é, pois, essa vontade da alma que é mencionada além das duas outras vontades, e à qual o Apóstolo não quer que obedecemos quando diz: “A fim de que não façais o que quereis” (Gl 5,17)? Parece indicar que essa vontade não deve aderir a nenhum dos dois, a saber, nem à carne, nem ao espírito. Mas diremos que, se é melhor para a alma fazer a sua própria vontade do que a da carne, mais ainda é melhor para a alma fazer a vontade do espírito e não a sua. Como é que então o Apóstolo diz: “Para que vós não façais o que quereis”? Porque, no combate que se desenrola entre a carne e o espírito, não é certo que, de todos os modos, a vitória venha a ser do espírito; é claro que muitas vezes quem a obtém é a carne.

3 Mas já que chegamos a uma discussão tão aprofundada, na qual é necessário tocar todos os pontos que podem ser levantados de cada lado, vejamos se não se pode examinar a esse respeito se, tal como para a alma vale mais seguir o espírito quando o espírito venceu a carne, também – se bem que pareça pior seguir a carne combatendo contra o espírito e querendo atrair a si a alma –, contudo, poderia parecer mais útil à alma ser dominada pela carne do que ater-se às suas vontades próprias. Com efeito, quando ela fica com as suas vontades é que não é, conforme está escrito, nem quente, nem fria, mas permanece numa tepidez indiferente, e a sua conversão corre o risco de ser lenta e muito difícil. Mas, se ela adere à carne, às vezes saciada e cheia de males que ela sofre por causa dos vícios da carne, fatigada da luxúria e da voluptuosidade como se fossem fardos demasiado pesados, pode mais fácil e rapidamente se desviar das sujeiras da matéria, para se voltar para o desejo das realidades celestes e da graça espiritual. É provável que tenha sido isso que o Apóstolo quis dizer: que o espírito luta contra a carne e a carne luta contra o espírito, e que não fazemos o que queremos, designando por isso sem dúvida o que é estranho à vontade do

espírito e à da carne. Por outras palavras: vale mais para o homem estar ou na virtude ou na maldade do que em nenhuma das duas; com efeito, antes de se voltar para o espírito e de se tornar uma só coisa com ele, a alma, enquanto adere ao corpo e pensa coisas carnis, não parece estar nem num bom estado nem claramente num mau, mas é, por assim dizer, semelhante a um animal. É claro que, se for possível para ela, é melhor aderir ao espírito e tornar-se espiritual; mas, se isso não for possível, é mais conveniente para ela seguir a maldade da carne do que ficar nas suas vontades próprias e num estado de animal irracional.

Tratamos essas coisas com a intenção de discutir cada uma das opiniões, e o fizemos como uma digressão mais ampla do que teríamos desejado, para que não se pense que nos tenha escapado o que é exposto habitualmente por aqueles que se perguntam se não há em nós outra alma além daquela que é celeste e racional; essa seria uma alma que por natureza se opõe a esta, e ela é chamada carne, ou sabedoria da carne, ou alma da carne.

4 Vejamos agora a resposta que geralmente dão aqueles que sustentam que em nós há um só tipo de movimento interior e uma vida para uma só e mesma alma, à qual é preciso atribuir a salvação ou a perdição, conforme seus atos. Examinemos primeiro de que tipo são as paixões de que sofre a nossa alma quando nós no sentimos no interior rasgados em partidos opostos sobre cada ponto, quando os nossos pensamentos de certo modo lutam juntos em nossos corações, sugerindo como que aparências de verdade que nos inclinam às vezes a um lado, outras vezes a outro, que nos levam tão depressa a nos acusar como a nos aprovar. Não há nada de que se admirar no fato de que os temperamentos instáveis têm um julgamento variável, em contradição e oposição consigo mesmo, porque isso se produz em todos os homens quando se trata de deliberar sobre algo duvidoso e que se examina e investiga o que é mais correto e mais conveniente para decidir. Portanto, não nos deve admirar que duas aparências de verdade se apresentem uma contra a outra, sugerindo decisões contrárias e desgarrando a mente em diversas facções. Por exemplo: quando um pensamento nos inclina à fé e ao temor de Deus, não se pode dizer que a carne combata contra o espírito; mas, enquanto se fica indeciso sobre o que é verdadeiro e conveniente, a alma é arrastada para lados diversos. Assim, quando se pensa que a carne provoca ao prazer, enquanto numa inspiração melhor

resiste a essa incitação, não se deve acreditar que se trata de uma vida que resiste a outra, mas que isso vem da natureza do corpo, que procura eliminar e esvaziar os órgãos cheios de humor seminal. Do mesmo modo, não é preciso imaginar alguma potência contrária ou alguma outra alma viva que excita em nós a sede e nos provoca a beber, ou que nos dá fome e nos estimula a comer. Assim como esses apetites e evacuações provêm dos movimentos naturais do corpo, também o humor que naturalmente contém o sêmen quando, depois de certo tempo, se acumula no devido lugar, está inquieto para ser expulso e jogado fora, e não é exatamente a ação de um estímulo exterior que o produz, já que por vezes isso acontece por si mesmo.

Quando se diz, pois, que a carne combate o espírito, os adeptos dessa última explicação compreendem por isso que o uso, as necessidades, ou o prazer da carne, quando excitam o homem, o distraem e desviam das realidades divinas e espirituais. Quando somos atraídos pelas necessidades do corpo, não temos como nos ocupar com as realidades divinas que valem para a eternidade, e, ao contrário, a alma que se entrega ao divino e está unida ao espírito de Deus combate a carne porque não a deixa amolecer nas delícias e seguir na corrente dos prazeres que são o seu deleite natural. Aqueles de quem trazemos essa opinião explicarão a afirmação “a sabedoria da carne é inimiga de Deus” (Rm 8,7) como não que a carne tenha, na verdade, uma alma ou uma sabedoria própria, mas por um significado inadequado, como quando vulgarmente dizemos que a terra tem sede ou que ela quer beber água; nesse caso, não empregamos o termo *querer* no sentido próprio, mas no sentido amplo, como quando dizemos que uma casa quer ser restaurada, e outras expressões semelhantes; portanto, é assim que se deve entender a sabedoria da carne e a expressão “a carne conspira contra o espírito”. Geralmente lhe acrescentam aquilo que está dito: “a voz do sangue do teu irmão grita até mim vinda da terra” (Gn 4,10). O que grita até Deus não é o sangue derramado em si mesmo, mas, em sentido amplo, diz-se que o sangue grita, pois se pede a Deus vingança contra quem derramou o sangue. E também o que diz o Apóstolo: “vejo outra lei nos meus membros” (Rm 7,23), eles a entendem assim: aquele que quer se dedicar à palavra de Deus se distrai, desvia a atenção, e é incomodado pelas necessidades, e cuidados do corpo, presentes nele, como

numa espécie de lei: ele não pode se entregar à sabedoria de Deus e contemplar os mistérios divinos.

5 Mas, entre as obras da carne, se descrevem também as divisões, as invejas, as discussões, e eles as compreendem assim: quando a alma adquiriu uma sensibilidade grosseira porque se submeteu às paixões do corpo, fica oprimida sob o peso dos vícios, e não sente mais nada de sutil e de espiritual; diz-se então que ela se tornou carne e ela tira seu nome dessa carne que passa a ser o objeto do seu zelo e da sua intenção. Os que assim questionam acrescentam: pode-se encontrar ou indicar um criador desses maus pensamentos, chamados pensamentos da carne? É que eles sustentam que é preciso crer que não há outro criador da alma e da carne a não ser Deus. Se dissermos que o Deus bom é que, na sua criação, criou alguma coisa que é sua inimiga, isso vai parecer completamente sem sentido. Portanto, se está escrito: “a sabedoria da carne é inimiga de Deus” e se se diz que isso se faz desde a criação, parecerá que Deus criou uma natureza sua inimiga, que não lhe pode ser submetida, nem a ele nem à sua lei, porque teremos representado essa carne de que falamos como um ser dotado de alma. Se concordarmos com isso, como podemos distinguir essa opinião da daqueles que dizem haver diferentes almas que foram criadas e por sua natureza são destinadas à salvação ou à perdição? Isso só convém aos hereges, que, por não conseguirem expor a justiça de Deus com argumentos conformes à piedade, inventam imaginações também ímpias.

E nós, conforme pudemos, expusemos o que pode ser dito em forma de debate sobre cada uma das doutrinas expostas pelas várias opiniões; que o leitor escolha daqui o que lhe parecer mais razoável de aceitar.

5. O mundo começou no tempo

1 Passamos a um dos artigos da doutrina que a Igreja expõe e que inclui principalmente – de acordo com a fé que devemos ter em nossa história – que este mundo foi feito e que começou num momento determinado e que, segundo a doutrina da consumação dos séculos de todos conhecida, será destruído porque se corromperá; e por isso não vai parecer despropositado tratar um pouco desse tema. No que se refere à garantia que dele dão as Escrituras, e prova é muito fácil. É por isso que os hereges, que

sobre tantos pontos se desviaram, neste, cedendo à autoridade das Escrituras, parecem estar de acordo.

Sobre a criação do mundo, que outra Escritura poderá nos ensinar senão aquela em que Moisés descreve a sua origem? Mesmo contendo significados mais importantes do que parece mostrar o relato dos fatos, mesmo que encerre quase sempre um pensamento espiritual, e que se sirva do véu da letra para esconder realidades místicas e profundas, contudo, a palavra do narrador afirma que, em certo momento, tudo o que é visível foi criado. O primeiro a falar do fim do mundo é Jacó, quando dele dá testemunho perante seus filhos: “Vinde a mim, filhos de Jacó, para que vos anuncie o que se passará nos últimos dias” ou “depois dos últimos dias” (Gn 49,1). Se há últimos dias, ou “depois dos últimos dias”, é preciso que acabem os dias que começaram. Davi diz, igualmente: “Os céus perecerão, mas tu permanecerás, e todos envelhecerão como as vestimentas, e tu os mudarás como a um manto, e eles serão trocados; mas tu és o mesmo e tuas idades não acabarão” (Sl 101,27-28). Quando Nosso Senhor e Salvador disse: “Aquele que no início criou os fez macho e fêmea” (Mt 19,4), ele mesmo atesta também que o mundo foi feito. E quando diz: “O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não passarão” (Mt 24,35), ele o mostra corruptível e finito. O Apóstolo diz também: “A criatura foi submetida à vaidade, não porque ela o queira, mas por causa daquele que a submeteu, na esperança de que a mesma criatura será libertada da servidão da corrupção para receber a liberdade gloriosa dos filhos de Deus” (Rm 8,20-21). Desse modo, ele afirma claramente o fim do mundo, e também quando diz: “O estado desse mundo passará” (1Cor 7,31). Porém, ao dizer: “A criatura está submetida à vaidade”, mostra também o seu início. De fato, se a criatura está submetida à vaidade por causa de alguma esperança, ela está submetida por uma causa, e o que existe por uma causa deve necessariamente ter um início. Não era possível, sem um começo, que a criatura fosse submetida à vaidade e que ela esperasse ser libertada da servidão da corrupção, se ela não tivesse começado por ser escrava da corrupção. Mas quem tiver oportunidade de procurar pode encontrar muitos outros ditos desse gênero nas Escrituras, onde se diz que o mundo teve um começo e aguarda um fim.

2 Se sobre este ponto alguém se opõe à autoridade das nossas Escrituras e à fé, nós lhe perguntamos se se pode dizer que Deus pode

abranger todas as coisas, ou não. Dizer que não pode é manifestamente ímpio. Mas, se responde, como deve fazê-lo, que Deus abrange todas as coisas, segue-se que, pelo fato de que elas podem ser abrangidas, é preciso entender que elas têm um começo e um fim. Porque aquilo que não tem nenhum tipo de começo não pode ser abrangido. Seja qual for a amplitude que tiver o intelecto, a possibilidade de compreender lhe escapa e se afasta sem fim onde não houver começo.

3 Mas costumam nos questionar: se o mundo teve um começo, o que fazia Deus antes de o mundo começar? Dizer que a natureza de Deus é ociosa e imóvel é ímpio e, ao mesmo tempo, absurdo, tal como supor que houve um tempo em que a bondade não fazia o bem, ou a onipotência não exercia o seu poder. É comum nos fazerem essa objeção quando dizemos que o mundo começou num certo tempo, e quando contamos os anos da sua duração segundo o testemunho da Escritura. Não me parece que um herege possa responder facilmente a essas perguntas seguindo a coerência da sua doutrina. Mas nós, observando corretamente as regras da piedade, respondemos que Deus não começou a agir quando fez este mundo visível, mas, tal como após a degradação desse mundo haverá um outro, do mesmo modo, antes que ele existisse, houve outros, segundo acreditamos. Esses dois pontos serão confirmados pela autoridade da Escritura divina. Isaías ensina que, depois deste mundo, haverá outro: “Haverá um mundo novo e uma terra nova, que farei permanecer perante mim, diz o Senhor” (Is 66,22). E o Eclesiastes mostra que, antes deste mundo, houve outros: “O que é que foi feito? A mesma coisa que será. E o que é que foi criado? A mesma coisa que será criada. Não há nada de novo sob o sol. Se alguém falar e disser: eis aqui algo novo – mas isso já existia nos séculos que nos precederam” (Ecl 1,9-10). Os testemunhos provam os dois pontos: que já existiram séculos, e que depois existirão séculos. Não se deve supor que vários mundos existiram ao mesmo tempo, mas que depois deste virá outro; a esse propósito não precisamos repetir os detalhes todos porque já o fizemos antes.^[7]

4 Penso que não convém deixar de prestar atenção e passar em silêncio que as Escrituras santas tenham chamado a criação do mundo com um termo novo e bem definido falando em *katabolē* do mundo. Esse termo foi traduzido para o latim de forma errada como *constituição do mundo*;

mas em grego *katabolē* significa mais exatamente a ação de atirar para baixo, isto é, de jogar para baixo. Traduzido em latim como constituição do mundo, como dissemos, fica incorreto. Assim, no Evangelho de João, o Salvador diz: “Naqueles dias haverá grande tribulação tal como nunca se terá visto semelhante desde a constituição do mundo” (Mt 24,21; Jo 17,24),^[8] aqui constituição está no lugar de *katabolē*, que se deve entender como dissemos acima. O Apóstolo, na Carta aos Efésios, utilizou o mesmo termo, quando diz: “Aquele que nos escolheu antes da constituição do mundo”, e também aqui “constituição do mundo” traduz *katabolē*, que se deve compreender no mesmo sentido que expusemos acima. Parece que vale a pena procurar o que é significado por essa nova expressão. Uma vez que o fim e a consumação dos santos se realizarão nas realidades invisíveis e que são eternas, creio que o que se pode deduzir de uma reflexão sobre esse fim segundo o princípio que expusemos antes muitas vezes – que se deve supor que as criaturas racionais tiveram um começo semelhante – é que, se o começo que elas tiveram é semelhante ao fim que elas esperam, elas já estavam, sem dúvida, desde o início, nas realidades invisíveis e que são eternas. Se é assim, do alto para baixo desceram não somente as almas que o mereceram por seus movimentos diversos, mas também aquelas que, por servir este mundo, foram levadas, mesmo não o querendo, das realidades superiores e invisíveis a essas realidades inferiores e visíveis. “A criatura foi submetida, sem que ela o queira, à vaidade, por causa daquele que a submeteu, na esperança” (Rm 8,20), a fim de que o sol, a lua, as estrelas e os anjos de Deus cumpram os seus serviços ao mundo: para essas almas que, por causa dos grandes defeitos das suas inteligências, tiveram necessidade destes corpos mais espessos e sólidos, e em vista destes, para quem isso era necessário, foi instituído este mundo visível. Por isso, pelo significado desse termo, *katabolē*, é indicada a queda comum de todos desde o alto até embaixo. Certamente toda criatura leva consigo a esperança da liberdade a fim de ser libertada da servidão da corrupção, quando os filhos de Deus, que caíram ou foram dispersados, serão reunidos na unidade; ou quando tiverem cumprido neste mundo todas as outras missões que só Deus conhece como artesão do universo. Deve-se, portanto, pensar que o mundo foi feito de tal modo, e tão amplo, quanto necessário para poder conter todas as almas que neste mundo foram colocadas para se exercitar, e também todas as potências que estão prontas para lhes dar assistência, governá-las e auxiliá-las. Numerosas pessoas demonstram que

todas as criaturas racionais têm a mesma natureza: isso é necessário para defender a justiça de Deus em todos os atos pelos quais governa, uma vez que cada uma tem em si mesma as causas que a colocaram em tal ou qual condição de vida.

5 Tal é o plano que Deus determinou depois da origem do mundo, mas que já estava previsto com as razões e as causas tanto daqueles que mereciam vir para corpos por causa das falhas da sua inteligência como daqueles que eram atraídos pelo desejo das realidades visíveis, ou, ainda, daqueles que, segundo a sua vontade, ou sem o querer, eram obrigados, por aquele que os submetia na esperança, a cumprir certos ofícios em favor daqueles que tinham caído nesse estado. Mas alguns, sem compreender nem perceber que essas diversas disposições tinham sido tomadas por Deus em decorrência de causas anteriores relacionadas com o livre-arbítrio, pensaram que tudo o que se passa no mundo era conduzido por movimentos fortuitos ou por uma necessidade fatal e que nada dependia do nosso livre-arbítrio. Desse modo, nem a providência de Deus se mostrava isenta de culpa.

6 Dissemos que todas as almas que vivem neste mundo tiveram necessidade de muitos assistentes, de dirigentes, de auxiliares e, nos tempos recentes, quando o fim do mundo já era iminente e que todo o gênero humano corria para a sua perda definitiva, como não somente os que eram governados, mas também aqueles a quem tinha sido confiado o cuidado de governar, tinham sido atingidos pela decadência, o gênero humano teve necessidade não somente dessa ajuda e de defensores semelhantes a ele, mas reclamou pelo socorro do seu próprio Criador e autor para restaurar a disciplina corrompida e profanada: nuns a da obediência, noutros a da autoridade. Por isso é que o Filho Único de Deus, Palavra e Sabedoria do Pai, quando se encontrava junto do Pai na glória que tinha antes da existência do mundo, se aniquilou a si mesmo, e, tomando a forma de escravo, fez-se obediente até a morte, para ensinar a obediência àqueles que não podiam obter a salvação a não ser pela obediência, para restaurar assim as leis corrompidas da arte de governar e de reinar, submetendo todos os inimigos a seus pés; e como tem de reinar até que tenha posto os inimigos sob seus pés, e que tenha destruído o último inimigo, a morte, ensina àqueles mesmos que governam as regras do governo. Pois que, como

dissemos, ele tinha vindo para restaurar não somente a disciplina da arte de governar e reinar, mas também a de obedecer, realizando primeiro em si mesmo o que ele queria que fosse realizado pelos outros, por isso não se fez somente obediente ao Pai até a morte na cruz, mas também até a consumação dos séculos, abrangendo em si mesmo todos aqueles que submeteu ao Pai e que por ele vêm à salvação; está dito que com eles e neles também ele mesmo se submeterá ao Pai, porque tudo está nele e que ele é a cabeça de todas as coisas, e que nele se encontra a plenitude daqueles que obtêm a salvação. É o que dele diz o Apóstolo: “Quando tudo lhe for submetido, então o próprio Filho será submetido àquele que lhe submeteu todas as coisas, a fim de que Deus seja tudo em todos” (1Cor 15,28).

7 Não sei de que maneira os hereges, sem compreender o significado que o Apóstolo coloca nessas palavras, consideram pejorativo o termo *submissão* no que diz respeito ao Filho; se se procura o significado da palavra, poderemos facilmente encontrá-lo partindo do seu contrário. Porque, se a submissão não é um bem, segue-se que o seu contrário, a insubmissão, é um bem. A palavra do Apóstolo: “quando tudo lhe estiver submetido, então o próprio Filho será submetido àquele que lhe submeteu todas as coisas” (1Cor 15,28) parece mostrar, segundo o significado que lhe dão os hereges, que aquele que agora não está submetido ao Pai lhe será submetido no futuro, quando o Pai já lhe tiver submetido todas as coisas. Admiro-me de que se possa compreender desse modo: se, enquanto tudo não lhe está submetido, ele mesmo não está submetido, então, quando tudo lhe estiver submetido, quando tiver se tornado o rei de tudo, e que tiver poder sobre o universo, então ele se submeterá, conforme eles pensam, ao passo que antes não o tinha feito. Eles não compreendem que a submissão de Cristo a seu Pai mostra a beatitude que virá da nossa perfeição e exprime a finalização vitoriosa da obra que ele empreendeu, quando oferece ao Pai não apenas a totalidade do governo e do reino que ele corrigiu em toda a criação, mas, ainda, as regras da obediência e da submissão corrigidas e restauradas em todo o gênero humano. Se, portanto, se entende como boa e salutar a submissão pela qual o Filho é, conforme se disse, submetido a seu Pai, de maneira muito conseqüente e coerente, segue-se que é preciso entender como salutar e útil aquilo que é chamado de submissão dos inimigos ao Filho de Deus; assim como quando dizemos submissão do

Filho ao Pai é afirmada a perfeita restauração de toda a criação, de modo semelhante, quando se diz que os inimigos estão submetidos ao Filho de Deus, entende-se a salvação nele daqueles que estão submetidos, e o restabelecimento daqueles que se perderam.

8 Mas essa submissão se realizará de acordo com procedimentos, normas e tempos determinados, o que quer dizer que não é por alguma necessidade ou consequência de força que o mundo inteiro se submeterá a Deus, mas pela ação da palavra, da razão, do ensino, da imitação dos melhores, dos bons costumes e também das ameaças merecidas e adaptadas que advertem justamente aqueles que descuidam de tomar conta da sua salvação e do seu interesse, e de estar vigilantes quanto à sua cura. Também nós, os humanos, na educação dos nossos servidores e dos nossos filhos, enquanto pela idade não atingem a razão, nós os reprimimos com ameaças e pelo temor; mas, quando recebem a inteligência daquilo que é bom, útil e honesto, então o medo dos açoites acaba, pois concordam em ser persuadidos pela palavra e pela razão a fazer tudo o que é bom. Há coisas, porém, que só Deus conhece, e seu Filho Único, por quem o universo foi criado e restaurado, bem como pelo Espírito Santo, que tudo santifica, que procede do próprio Pai, e possui glória na eternidade dos séculos, amém. Assim, só Deus conhece de que maneira cada um deve ser dirigido, respeitando o livre-arbítrio em todas as criaturas racionais; isto é, quem são aqueles que a palavra de Deus encontra prontos e capazes de ser instruídos, quais os que ele deixou para depois, quais aqueles a quem ele se oculta completamente como se seus ouvidos estivessem longe deles; em contrapartida, quais são os que, por terem desprezado a palavra de Deus que lhes foi mostrada e pregada, ele estimula com repreensões e penas que eles sofrem em vista da sua salvação, exigindo deles, e de certo modo lhes arrancando a conversão; quais aqueles a quem ele fornece algumas indicações de salvação para que talvez alguém possa receber uma salvação assegurada por uma resposta inspirada só pela fé; por que causas e em que ocasiões tudo isso tem lugar, o que neles a sabedoria divina perscruta, ou que movimentos da vontade deles ela vê para o seu governo do universo.

6. Sobre o fim do mundo^[9]

1 Já discutimos antes, conforme pudemos, o fim e a consumação do mundo, de acordo com a autoridade das divinas Escrituras; supomos que isso tenha sido suficiente para instruir, porém vamos mencionar ainda alguns pontos, porque a continuação da argumentação nos traz de volta esse assunto. Toda a criatura racional procura diligentemente o Bem supremo, fim de todas as coisas, o que foi expresso também por numerosos filósofos nestes termos: o Bem supremo consiste em tornar-se, na medida do possível, semelhante a Deus. Suponho que não o encontraram por si mesmos, mas foram buscá-lo nos livros divinos. De fato, foi Moisés quem antes de todos os outros o indicou quando narra a primeira criação do homem: “Disse Deus: façamos o homem à nossa imagem e semelhança”, e logo acrescenta: “E Deus fez o homem, à imagem de Deus o fez, macho e fêmea os fez, e os abençoou” (Gn 1,26-27). Quando ele diz: “à imagem de Deus o fez”, ele se cala sobre a semelhança; isso só pode significar que o homem recebeu a dignidade da imagem na sua primeira criação, mas que a perfeição da semelhança lhe está reservada para a consumação. Quer isso dizer que ele devia procurá-la para si mesmo, imitando Deus com o esforço da sua atividade própria. A possibilidade dessa perfeição, que lhe fora dada no início pela excelência da imagem, devia no final realizá-la ele mesmo na perfeita semelhança ao cumprir suas obras. O apóstolo João atesta com mais termos esclarecedores e evidentes que assim é quando ele diz: “Meus filhinhos, não sabemos ainda o que seremos: quando isso nos for revelado, seremos semelhantes a ele” (1Jo 3,2). Aqui está certamente falando do Salvador, e indica, com muita segurança, não só o fim de todas as coisas (que ele diz que ainda lhe é desconhecido), mas também a semelhança que esperamos ter com Deus, e que será dada segundo a perfeição dos méritos. O próprio Senhor no Evangelho a apresenta não somente como futura, mas também como devendo se produzir pela sua intercessão, já que se digna pedi-la ele mesmo ao Pai, para os seus discípulos, quando diz: “Pai, quero que lá onde eu estiver eles também estejam comigo” (Jo 17,24) e “como eu e tu somos um, que eles sejam um conosco” (Jo 17,21). Parece aqui que a semelhança será por assim dizer progressiva, e que, de semelhante, se fará um, porque, sem dúvida, na consumação ou fim, Deus será tudo em todos.

A esse propósito alguns se perguntam se a essência da natureza corporal, mesmo que purificada ao máximo, tornada completamente espiritual, não parece que será obstáculo à dignidade da semelhança e à

unidade em sentido estrito, uma vez que, como a natureza divina é certamente e radicalmente não corporal, aquela que está num corpo não parece que possa se dizer semelhante a ela, nem ser declarada, em verdade e corretamente, uma com ela, sobretudo quando a verdade da nossa fé ensina que é preciso referir a unidade do Filho com o Pai à sua própria natureza.

2 Portanto, quando se promete que no fim Deus será tudo em todos, não se deve logicamente pensar que os animais, os bichos e as bestas chegarão a esse fim, para não se indicar desse modo que Deus está presente nos animais, nos bichos e nas bestas; e também não na madeira e na pedra, não seja caso que se diga que Deus também está neles. Não se deve supor que alguma maldade chegará a esse fim, para que, quando se disser que Deus é tudo em todos, não se afirme que ele está também em algum receptáculo de maldade. Se dizemos com certeza que Deus está em todo lugar e em todas as coisas, isso é no sentido de que nada pode estar vazio de Deus; contudo, não dizemos que ele seja de fato tudo naquilo em que ele está. É por isso que se deve examinar com mais cuidado o que significa a perfeição da beatitude e o fim de todas as coisas: não se diz somente que Deus está em tudo, mas que ele é tudo. Perguntemo-nos o que significa esse termo, “tudo”, que Deus será “em todas as coisas”.

3 Penso que essa expressão que se diz de “ser tudo em todas as coisas” significa também que ele será tudo em cada ser. Em cada ser ele será de tal modo como numa inteligência racional, que, expurgada de toda sujeira dos vícios, e completamente enxugada de todas as nuvens da maldade, pode sentir, ou compreender, ou pensar que tudo nela será Deus, e ela não fará nada além de sentir Deus, pensar Deus, ver Deus, estar com Deus – Deus será todos os seus movimentos, e assim é que Deus será tudo para ela. Não haverá mais discernimento do mal e do bem porque já não haverá mal; pois que Deus é tudo para ela, e nele o mal não existe – e aquele para quem Deus é tudo e está sempre no bem não mais desejará comer da árvore do conhecimento do bem e do mal. Portanto, se o fim, reconduzido à condição inicial, e a consumação das coisas retornada ao seu princípio, restaurarão o estado que tinha então a natureza racional quando ela não tinha necessidade de comer da árvore do conhecimento do bem e do mal, depois de ter afastado todo sentimento de maldade, de o ter retirado para chegar à integridade e à pureza, aquele que é o único Deus bom será só

para ela e nela será tudo, não somente em alguns, nem em muitos, mas em todos, quando já não haverá morte e não mais o aguilhão da morte, e absolutamente mal nenhum; então Deus será de verdade tudo em todas as coisas. Alguns pensam que essa perfeição e felicidade das naturezas racionais só perdurará nesse estado de que estamos falando, ou seja, aquele em que todos os seres possuem Deus e Deus é tudo para eles, se a sua união com a natureza corporal não os afastar de modo nenhum. Caso contrário, pensam eles que, se a mistura com a substância material se interpusesse, ela impediria a glória e a felicidade supremas. Mas, sobre esse assunto nas páginas anteriores, já expusemos e discutimos mais completamente o que nos veio ao pensamento.

4 Uma vez que encontramos no apóstolo Paulo uma menção ao corpo espiritual, vamos procurar saber, como pudermos, como é que se deve pensar sobre isso. Tanto quanto a nossa inteligência pode compreender, pensamos que a qualidade de um corpo espiritual deve permitir que ele seja habitado não só pelas almas santas e perfeitas, mas, ainda, por todas as criaturas que serão libertadas da servidão da corrupção. Deste corpo diz também o Apóstolo que “temos uma casa que não é feita pelas mãos, eterna nos céus” (2Cor 5,1), isto é, nas moradas dos bem-aventurados. Por aqui podemos conjecturar de quanta pureza, de quanta sutilidade e de quanta glória serão as qualidades desse corpo se o compararmos àqueles que agora, mesmo que sejam corpos celestes e esplendorosos, são, contudo, feitos “pelas mãos” e visíveis. Pelo contrário, do outro se diz que é “uma casa que não é feita pelas mãos, mas eterna nos céus”. Uma vez que o “visível é temporal e o invisível eterno” (2Cor 4,18), todos os corpos que vemos na terra ou nos céus, que podem ser vistos, que são “feitos pelas mãos” e não são eternos, são ultrapassados de longe por aquele que não é visível nem feito pelas mãos, mas é eterno. A partir dessa comparação, pode-se presumir o encanto, o esplendor e o brilho do corpo espiritual e que é verdade, tal como está escrito, que “o olho não viu, e o ouvido não escutou, que ainda não chegou ao coração do homem o que Deus preparou para aqueles que o amam” (1Cor 2,9). Não há dúvida de que a natureza desse corpo que é o nosso, pela vontade de Deus que assim o fez, poderá chegar pela ação do Criador a essa qualidade de corpo muito sutil, puríssimo e muito resplandecente, conforme o estado das coisas o exigir e os méritos da natureza racional o pedirem. Finalmente, quando o mundo teve necessidade

de variedade e de diversidade, a matéria entregou-se com toda disponibilidade nos diferentes aspectos e espécies das coisas àquele que a tinha feito, porque é seu Senhor e Criador, para que possa tirar dela as diversas formas dos seres celestes e terrestres. Mas, quando todos os seres começarem a se apressar para se tornarem um, como o Pai é um com o Filho, entenda-se que o resultado é que onde todos forem um não haverá mais diversidade.

5 É por isso que, mesmo o último inimigo chamado morte se diz que será destruído de tal maneira que não haverá mais nada funesto onde a morte já não existirá, nem diferente, porque não haverá mais inimigo. É preciso compreender essa destruição do último inimigo não no sentido de que a sua substância feita por Deus vai perecer, mas que o seu propósito e a sua vontade de inimizade, que não provêm de Deus, mas dele mesmo, desaparecerão. É destruído, pois, não para que já não exista, mas para que não seja mais inimigo nem morte. De fato, nada é impossível ao Todo-poderoso, nada é irreparável para aquele que o fez; ele fez todas as coisas para que elas existissem, e tudo o que foi feito para existir não pode deixar de existir. É por isso que, se passam por mudanças e diversidades, é para que se encontrem num estado melhor, ou pior, conforme os seus méritos. Mas os seres que foram criados por Deus para existir e durar não podem receber uma morte que os atinja na sua substância. Com efeito, se a opinião comum pensa que há seres que pereceram, não se segue daí que a regra da fé e da verdade aceite que tenham perecido. Os ignorantes e os ateus acham que a nossa carne perece depois da morte, de tal modo que absolutamente nada fica da substância dela. Mas nós, que acreditamos na ressurreição, compreendemos que aí a morte apenas produz uma mudança, pois estamos certos de que a sua substância permanece e que, em determinado momento, quando quiser o Criador, será de novo restaurada para viver e passará por outra mudança; de fato, o que antes era uma carne terrestre, vinda da terra, depois dissolvida pela morte e outra vez feita cinzas e terra – “tu és terra e voltarás para a terra” (Gn 18,27) –, ressuscitará da terra e daí em diante progredirá até a glória do corpo espiritual, conforme o requererem os méritos da alma que a habita.

6 Deve-se pensar que toda a nossa substância corporal que está aqui será conduzida a esse estado, quando todas as coisas forem restauradas para

serem um, e que Deus será tudo em todas as coisas. Não se julgue que tudo isso se realizará de repente: será pouco a pouco e por partes, numa sucessão de séculos intermináveis e imensos, quando gradualmente a reforma e a correção se cumprirem em cada um; alguns virão à frente e se dirigirão às alturas numa corrida mais rápida, e outros os seguirão a curta distância e, finalmente, outros estarão muito mais longe; desse modo, através da quantidade de degraus inumeráveis, constituídos por aqueles que progridem e se reconciliam com Deus, eles que antes eram inimigos, se chega ao último inimigo chamado morte e à sua destruição, para que não seja mais inimigo.

Quando todas as almas racionais tiverem sido restabelecidas nesse estado, então a natureza desse nosso corpo também será conduzida à glória do corpo espiritual. Nas naturezas racionais, vemos que aquelas que viveram de modo indigno por causa dos seus pecados não são diferentes daquelas que foram convidadas para a bem-aventurança por causa dos seus méritos; mas vemos que as almas que antes eram pecadoras, depois da sua conversão e da sua reconciliação com Deus, são chamadas de novo à bem-aventurança; de modo semelhante se deve pensar da natureza do corpo: o corpo de que nos servimos agora, com sua baixez, sua corrupção e sua fraqueza, não é senão aquele mesmo de que nos servimos quando na incorrupção, na força e na glória, mas será o mesmo que terá rejeitado as fraquezas de que agora sofre, e terá se mudado na glória, tornado espiritual de tal modo que o que era um vaso indigno se tornará pela sua purificação um vaso de honra e uma morada de bem-aventurança. Devemos acreditar que permanecerá para sempre imutável nesse estado pela vontade do Criador; é o que nos garante a frase do apóstolo Paulo: “Temos uma casa que não é feita pelas mãos, eterna nos céus” (2Cor 5,1).

De fato, a fé da Igreja não aceita o que dizem alguns filósofos gregos: que além deste corpo, composto de quatro elementos, há um quinto corpo, inteiramente diferente, e distinto deste corpo; nas santas Escrituras não se pode encontrar a mínima alusão a isso, e a própria ordem das coisas não permite que se aceite, sobretudo porque o Apóstolo afirma claramente que os corpos que serão dados aos que ressuscitam dos mortos não são novos, mas receberão os mesmos corpos que tinham nessa vida, transformados do pior em melhor. Com efeito, diz ele: “Um corpo animal é semeado, um

corpo espiritual ressuscitará” e “semeado na corrupção, ressuscitará na incorrupção; semeado na fraqueza, ressuscitará na força; semeado na obscuridade, ressuscitará na glória” (1Cor 15,42-44). Tal como um homem pode progredir de um estado anterior de homem animal, incapaz de entender o que é do espírito de Deus, até chegar, graças à educação, a se tornar espiritual e a julgar todas as coisas, sem ser ele mesmo julgado por ninguém, do mesmo modo se deve pensar, a propósito da condição do corpo, que o mesmo corpo que agora é chamado animal, porque está a serviço da alma, quando a alma se reunir a Deus e se tornar com ele um só espírito, progredirá como instrumento do espírito para atingir uma condição e uma qualidade espirituais; sobretudo, como já várias vezes demonstramos, porque a natureza corporal foi feita pelo Criador de tal modo que possa assumir sucessivamente e sem dificuldade qualquer qualidade, conforme a vontade de Deus, ou o que requererem as circunstâncias.

7 Todo esse raciocínio supõe que Deus criou duas naturezas genéricas: uma natureza visível, isto é, corporal, e uma natureza invisível que é incorporeal. Mas essas duas naturezas recebem mutações diversas. A invisível, que é racional, muda de intenção e de propósito porque é dotada de livre-arbítrio; por causa disso, ela tanto está no bem como no seu contrário. Mas a natureza corporal recebe uma mutação na sua substância; é por isso que, seja qual for a coisa que Deus, o artesão de todas as coisas, queira fazer dela, trabalhá-la ou retocá-la, a matéria está sempre disponível em tudo, e ele pode, portanto, transmutá-la em qualquer forma ou aparência, conforme o que pedirem os méritos das coisas. O profeta o exprime claramente ao dizer: “Deus, que fez todas as coisas e as transforma” (Am 5,8).

8 Certamente, é preciso perguntar se, quando Deus for tudo em todas as coisas, na consumação de todas as coisas, toda a natureza dos corpos terá uma só aparência, e toda a qualidade dos corpos será somente a de brilhar na glória indescritível que será atribuída ao corpo espiritual, conforme devemos acreditar. No início do seu livro, Moisés escreveu: “No princípio Deus criou o céu e a terra” (Gn 1,1); se entendemos bem o que ele disse, esse é o começo de toda a criação, começo ao qual deve retornar o fim e a consumação de todas as coisas. Ou seja, que esse céu e essa terra são a morada e repouso dos piedosos, de tal modo que os santos e os pacíficos

herdarão primeiro essa terra, pois assim o ensinam a Lei, os profetas e o Evangelho. Penso que nessa terra estão os modelos verdadeiros e vivos da disciplina moral que Moisés transmitia com a sombra da Lei. É por isso que se diz que aqueles que obedeciam à Lei serviam o modelo e a sombra das realidades celestes. A esse mesmo Moisés se disse: “Cuida para fazeres tudo conforme à imagem e à semelhança do que te foi mostrado na montanha” (Ex 25,40). Nesta terra, a Lei foi um pedagogo para aqueles que deveriam ser, por ela, conduzidos até Cristo, e ensinados e instruídos por ela, a fim de que pudessem, depois da instituição da Lei, receber mais facilmente toda a ciência mais perfeita de Cristo; parece-me que, de modo semelhante, essa terra em primeiro lugar recebe os santos, os impregna e os forma, ensinando-lhes a Lei verdadeira e eterna, para que possam mais facilmente receber a instrução perfeita do céu, à qual nada pode ser acrescentado. Lá encontrarão o que é chamado Evangelho Eterno, o Testamento sempre novo, que nunca envelhecerá.

9 Deve-se pensar que, dessa maneira, na consumação e restauração de todas as coisas, progredindo pouco a pouco, e ascendendo com ordem moderada, chegarão de início a essa terra e à instrução que nela é dada, onde serão preparados para regras melhores, às quais nada pode ser acrescentado. Cristo, o Senhor, que é o rei de todos, depois dos condutores e tutores, ele mesmo assumirá o reino; quer dizer que, depois da formação ministrada pelas santas potências, ele mesmo ensinará aqueles que puderem compreendê-lo, porquanto ele é a sabedoria, e reinará sobre eles até que também os submeta ao Pai, que a ele submeteu todas as coisas, isto é, quando tiverem sido feitos capazes de receber Deus, Deus será neles tudo em todos. Conseqüentemente, a natureza corporal receberá então a sua condição suprema, à qual nada se poderá acrescentar.

Até aqui discutimos sobre a maneira de ser da natureza corporal, ou do corpo espiritual; deixamos à discricção do leitor o cuidado de escolher dessas duas soluções aquela que lhe parecer melhor. Mas nós damos aqui por terminado o terceiro livro.

[1] Até ao final deste capítulo, algumas versões apresentam uma divisão em itens diferente desta que seguimos. (N.T.)

[2] Nessa passagem, há três versões: a Filocalia (grego) afirma que Esaú foi odiado por Deus antes de estar (pro...koilian) no seio da mãe, o que implica a preexistência da alma; Jerônimo (Carta 124, 8) acusa Orígenes de aceitar a preexistência das almas reforçando a frase com o advérbio “antiquitas” – muito antes de que estivessem no seio de Rebeca –, e Rufino atenua a questão dizendo “quando ainda estava”; esta parece ser a versão mais correta, pois não só corresponde ao contraste entre a situação de cada gêmeo, como atenua a doutrina da preexistência que em outras obras de Orígenes não é tão explícita, e se enquadra melhor nos debates doutrinários da época. (N.T.)

[3] Esta passagem: “Por isso (...) bem supremo”, não se encontra na Filocalia, mas está tanto em Rufino como em Jerônimo (Carta 124,8) e parece ser original de Orígenes; os autores da Filocalia a teriam suprimido por verem nela motivo de controvérsias. (N.T.)

[4] Há dois apócrifos do AT que por vezes são confundidos: A Ascensão de Moisés, e a Assunção, ou Testamento de Moisés. Orígenes cita um deles, tal como São Judas o faz na sua Carta, sem, no entanto, o considerar livro inspirado. (N.T.)

[5] Ou 1Rs 18,10: passagem que alguns manuscritos do AT omitem. (N.T.)

[6] Jesus, ou Josué, filho de Josedec, sumo sacerdote. (N.T.)

[7] Cf. Peri Archōn I, 4,3-5; e II 3,6 (N.T.).

[8] Orígenes confundiu Mt 24,21, que tem a frase, mas não a palavra *katabolē*, com Jo 17,24, que tem a palavra *katabolē* numa frase diferente. (N.T.)

[9] O problema do fim do mundo é considerado aqui, como em Peri Archōn II,1-3, do ponto de vista da corporeidade. Mas ele sublinha a

perspectiva da união do homem com Deus e contém o que foi dito no capítulo precedente a propósito de 1Cor 15,28, a submissão de Cristo ao seu Pai e Deus, tornando-se tudo em todos. Acerca da questão da corporeidade e da incorporeidade final, Orígenes deixa a questão em aberto.

NOTAS

- 1. Sobre o livre-arbítrio
- 2. As potências adversárias
- 3. As três formas de sabedoria
- 4. Se é verdade o que dizem que cada um tem duas almas
- 5. O mundo começou no tempo
- 6. Sobre o fim do mundo